



Soldado iraquiano morto por tropas britânicas, porta uma bandeira branca em trincheira na península de Faw; tropas tomaram terminais de exportação de petróleo. (FSP 23/03/2003)

TOLERÂNCIA! CONTRA O CHOQUE E O TERROR

EDITORIAL

Iniciamos a primeira semana de guerra do século XXI. A angústia e uma tristeza infinita perpassa o coração de todos e todas que apostamos na possibilidade da construção da paz. As imagens que entram em nossas casas de uma Bagdá iluminada pela bruxuleante luz esverdeada dos cemitérios, entrecortada pelas explosões dos ataques, deixam atônitos a todas e todas que acreditávamos que o século XXI aprendera algo das tragédias do século XX. E no entanto, o que estamos vendo não é uma guerra nem mesmo um ataque. É um massacre. Shock & Awe chama-se a operação bélica. Todos os seres humanos, no início deste novo século, estamos chocados e apavorados. Chocados porque a guerra é “a derrota da humanidade” segundo as palavras de João Paulo II. Apavorados porque “o recurso à guerra é sempre desgraçado”, para usar a expressão do nosso Rio Branco. O que nos consola, sem dúvida, é testemunhar a reação de indignação e revolta quase unânimes na Europa, as manifestações espontâneas de jovens em várias partes do mundo, afirmando que a morte não tem a última palavra.

*Participamos da luta contra a guerra refletindo e debatendo o tema da tolerância. A UNISINOS promove nesta semana um debate cujo tema é: **A tolerância: história e atualidade. Por uma teoria da coexistência das religiões, das comunidades e dos povos.** Assim, com Miguel de Unamuno, oportunamente recordado por Rubens Ricupero, secretário-geral da UNCTAD, no seu artigo na **Folha de São Paulo** de ontem, nós afirmamos: “Vencereis, mas não convencereis. Vencereis porque vos sobra força bruta. Mas não convencereis, porque convencer significa persuadir. E, para persuadir, necessitais de algo que vos falta: razão e direito de luta.”*

TOLERÂNCIA. PELA COEXISTÊNCIA DAS RELIGIÕES, DAS COMUNIDADES E DOS POVOS. CONTRA O CHOQUE E O TERROR

YVES CHARLES ZARKA NA UNISINOS

No dia 27 de março, às 20 horas, no Auditório do Centro de Ciências Jurídicas, estará na Unisinos o professor francês Yves Charles Zarka proferindo uma conferência intitulada: **A tolerância: história e atualidade. Por uma teoria da coexistência das religiões, das comunidades e dos povos.** O evento é promovido pelo PPG em Direito, PPG em Filosofia, Instituto Humanitas Unisinos, pela Pós-graduação lato sensu e pela Extensão do Direito.

Yves Charles Zarka é o diretor de pesquisa do CNRS e diretor do Centre d'Histoire de la Philosophie Moderne. Autor de vários livros, sendo os últimos: **La souveraineté du peuple est-elle périmée?** (Rousseau ou Tocqueville), Paris: PUF, 2002 e Yves Charles Zarka, John Rogers, **Les fondements philosophiques de la tolérance au XVIIIème siècle T2 Textes et documents**, Paris: PUF, 2002..

Também é autor, entre outros livros, dos seguintes: **Hobbes et la pensée politique moderne.** Paris: PUF, 1995; **Philosophie et politique à l'âge classique.** Paris: PUF, 1998; **La décision métaphysique de Hobbes.** Paris: Vrin, 1987; **Aspects de la pensée médiévale dans la philosophie politique moderne.** Paris: PUF, 1999. Está para sair ainda neste ano o livro **Formes et pathologies de la démocratie. Tocqueville et nous**, Paris: PUF.

Yves Charles Zarka é orientador da Tese de Doutorado do professor da Unisinos Wladimir Barreto Lisboa. Lisboa é formado em Direito, pela Unisinos, é Mestre em Filosofia, pela UFRGS, e atualmente cursa o Doutorado em Filosofia Política na Université de Paris I (Pantheon-Sorbonne), U.P. I, França. Sua tese intitula-se **Les fondements de la philosophie politique chez Hobbes.** (Os fundamentos da Filosofia Política em Hobbes). O prof. Lisboa conversou com **IHU On-Line** a respeito do pensamento de Yves Zarka.

IHU On-Line- Que aspectos há em comum entre o pensamento de Yves Zarka e o que a sua tese defende?

Wladimir Lisboa- Minha tese, na medida em que foi orientada pelo professor Zarka, reflete, direta ou indiretamente, suas concepções filosóficas. Aprendi, durante os quatro anos em que estive sob sua orientação, a valorizar a diversidade e riqueza da cultura do século XVII. Talvez pudesse afirmar que ambos concebemos a Filosofia e, em especial, a Filosofia de Thomas Hobbes, tema de minha tese, como expressando um projeto de racionalidade. É preciso buscar, para além da diversidade de temas e épocas de composição dos textos, a unidade do sistema. Isso implica, entre outras coisas, a recusa em reduzir a Filosofia ao contexto histórico em que foi produzida. Mais precisamente, ambos compreendemos a Filosofia política de Hobbes como

profundamente ancorada, inicialmente, em seu projeto de fundação de uma filosofia prima concebida como filosofia dos corpos extensos.

IHU On-Line- Quais as idéias do autor que mais particularmente lhe chamaram a atenção ao longo da convivência com ele na França?

Wladimir Lisboa- Zarka construiu uma leitura muito original da História da Filosofia, e, em especial, da Filosofia do século XVII. Podemos dividir em pelo menos três eixos a originalidade de seu pensamento. Há, primeiramente, uma recuperação da idéia de concupiscência como fundante de uma considerável parcela do pensamento político moderno, traduzida na idéia do amor de si. É o que se convencionou chamar de 'agostianismo político'. Em segundo lugar, Zarka expôs a Filosofia de Hobbes como uma obra propriamente filosófica. Ler a obra de Hobbes como obra filosófica implica fixar-se no texto, naquilo que ele explicitamente diz, e em não ir além ou aquém, adiante ou ao lado do texto, senão na medida em que o próprio texto nos convidar a isso. Em terceiro lugar, Zarka possui uma leitura muito original acerca da construção do Direito Moderno. Leibniz, especificamente, é identificado como o construtor da idéia de sujeito de direito e de uma noção de justiça que vai além de Aristóteles, Agostinho, Grotius e Hobbes. Nessa perspectiva, a Filosofia Moderna não é concebida como o apanágio da subjetividade ou instrumentalidade, mas como construtora da idéia de uma justiça universal. Zarka procura construir uma outra história da subjetividade presente nas teorias do direito natural e que culmina na idéia de sujeito de direito, conceito fundamental da modernidade.

IHU On-Line- Como o Sr. vê a idéia de tolerância de Zarka, no contexto internacional que estamos vivendo?

Wladimir Lisboa- Segundo Zarka, para que se possa dar conta dos problemas contemporâneos ligados à mundialização da economia e da crise da noção de soberania, é preciso repensar o conceito de tolerância. Por um lado, a ampliação do campo de aplicação deste conceito e a emergência de novas figuras do intolerável impõem uma renovação da reflexão: é preciso ir além dos conceitos tradicionais de identidade e de liberdade. Por outro lado, entretanto, é preciso manter a noção fundamental de dignidade do homem e reenquadrá-la em um contexto de integração da natureza no mundo moral, repensando a integridade humana não apenas no presente, mas igualmente para a humanidade futura e, finalmente, redefinindo a identidade humana de modo a incorporar ao conceito de consciência uma reflexão sobre o corpo.

IHU On-Line- Como o autor é visto entre os intelectuais da Europa?

Wladimir Lisboa- Além de um grande filósofo, Zarka tem presença marcante no mercado editorial europeu, publicando livros e artigos, dirigindo diversas coleções e revistas. Atualmente, está em curso a publicação da primeira edição crítica das obras completas de Hobbes. Zarka é também membro do Conselho Nacional das Universidades, o que torna sua intervenção uma constante nos debates acadêmicos na França. Sua presença na Europa Ocidental é marcante. Inúmeros projetos estão atualmente em curso com a Inglaterra e Itália, por exemplo. Zarka é, antes de tudo, um aglutinador de pensadores. A revista *Cité*¹), por exemplo, dirigida por ele, é hoje uma das principais revistas de reflexão sobre temas éticos, políticos e filosóficos da atualidade. Nela encontramos a contribuição dos principais pensadores europeus.

¹ .- Por exemplo, o número 8(2001), da revista *Cités* publicou um interessante dossiê intitulado 'Le travail sans fin? Réalités du travail et transformations sociales', com artigos, entre outros, de Luc Borot, sobre André Gorz e de Dominique Méda sobre a centralidade do trabalho, pleno emprego e desenvolvimento humano. Um dossiê que tem tudo a ver com a área de concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do IHU.

IHU On-Line- De que maneira o prof. Zarka abordará o tema *A tolerância: história e atualidade. Por uma teoria da coexistência das religiões, das comunidades e dos povos?*

Wladimir Lisboa- Creio que sua reflexão será orientada por uma dupla indagação. É preciso compreender que a ação humana não afeta apenas a existência de indivíduos pertencentes à espécie animal. A própria natureza como um todo, à medida que está disponível ao homem, encontra-se sob sua responsabilidade. A potência humana sobre a natureza deve ser pensada no contexto de um novo conceito de tolerância. Acredito que Zarka também explorará a questão acerca da ampliação do poder tecnológico humano. Ora, na medida em que há esta incrível ampliação do poder humano sobre a natureza e sobre si mesmo (O que é a vida? O que é a morte? O que é o nascimento?), há, igualmente, um deslocamento da questão da tolerância. O limite entre o tolerável e o intolerável tornou-se extremamente impreciso e movediço. O tema é extremamente oportuno no contexto mundial contemporâneo. É motivo de muita satisfação ver a Unisinos imersa e comprometida neste debate.

TEORIA POLÍTICA DA COEXISTÊNCIA

*Traduzimos e disponibilizamos a entrevista de Yves Charles Zarka, concedida ao **Le Monde**, em 7 de novembro de 2002, quando do lançamento do segundo volume da obra **Les fondements philosophiques de la tolérance au XVIIème siècle**, acima citada.*

YVES CHARLES ZARKA: “ELABORAR UMA TEORIA POLÍTICA DA COEXISTÊNCIA”

Pergunta: Yves Charles Zarka, o senhor é filósofo e diretor de pesquisa no CNRS e ensina na Universidade de Paris-I. O que lhe levou a se lançar, hoje, no vasto projeto sobre a tolerância?

Y.C. Zarka: Primeiramente, a incrível violência dos conflitos que nós conhecemos: conflitos étnicos, religiosos, culturais nos quais se defrontam os valores e as concepções de mundo que são rivais. É só pensar nos Balcãs ou no Oriente Médio ou, ainda, nos conflitos que opõem grupos e comunidades no próprio seio dos Estados democráticos, na França, na Alemanha, nos EUA; enfim, as agressões individuais, às vezes terrificantes de barbárie, que colocam em causa o laço social. O mundo atual conhece uma deriva para uma radicalização dos antagonismos e da barbárie.

Pergunta: Há uma saída? O conceito de tolerância, que permitiu a superação das guerras de religião na Europa do século XVII, possibilitaria superar o choque das culturas, isto é, das civilizações?

Y.C. Zarka: Eu respondo: Sim, mas sob a condição de que seja possível repensar a tolerância em função dos problemas do nosso mundo pós-moderno, marcado, entre outras coisas, pela crise da soberania, pelo retorno do religioso e pela economia mundializada. Eu vejo a possibilidade de elaborar uma teoria política da coexistência. A tolerância deve responder a uma questão fundamental como salvar a idéia de humanidade sem negar as afirmações identitárias que a perpassam e, às vezes, parecem pulverizá-la?

Pergunta: A tolerância, em suma, como condição do “viver juntos”?

Y.C. Zarka: De fato, as duas noções são muito distintas: a questão da tolerância se coloca justamente quando o viver em conjunto não é possível. Viver em conjunto supõe um espaço de vida comum no contexto de uma história aceita, de valores partilhados e de regras jurídicas

assumidas. A tolerância é outra coisa: ela reenvia à simples coexistência os indivíduos ou os povos que não podem ou não querem viver juntos. A tolerância deve impedir esses grupos, que não se amam, que se matem. Ela supõe a aceitação da existência do outro e algumas regras mínimas de reciprocidade. Não pode haver tolerância se um dos grupos permanece unilateral e intolerante, como no caso dos islamitas, por exemplo. Nisso, se poderia imaginar um programa universal de educação à tolerância que não seria nada utópico. Estes três volumes que reuniram durante quatro anos universitários franceses e ingleses, sob a direção de Frank Lessay, John Rogers e eu, poderiam constituir a primeira etapa.

Pergunta: Bayle, Locke...: a obra de vocês privilegia os séculos XVI e XVII. Por que esta tomada de posição?

Y. C. Zarka: Nós quisemos definir muito precisamente em que consiste o conceito de tolerância. O senhor citou precisamente Pierre Bayle e John Locke: são eles que deram o tom filosófico acabado ao conceito, e o *Supplément du Commentaire philosophique* de Bayle, editado por Martine Pécharman (tomo III), é, sem dúvida, o maior texto que já foi escrito sobre a tolerância. Mais tarde, Voltaire, especialmente, utilizará o conceito, mas sem modificar a significação em profundidade. À vista do pensamento dos pais fundadores, a reflexão que se elaborou, na época moderna e contemporânea, sobre a tolerância, aparece como pouco inovadora.

Os EUA E SUA VULNERABILIDADE ECONÔMICA

Entrevista com o professor Dr. Werner Altmann

IHU On-Line entrevistou Werner Altmann, professor do PPG em História da Unisinos, sobre as causas que há por trás da guerra. Prof. Werner é Mestre em *Estudios Latinoamericanos*, pela Universidad Nacional Autónoma do México, e doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo, com a tese titulada **O Estado no Capitalismo Periférico Latino-Americano: os projetos Cardenista e Peronista de Unidade Nacional**. É autor de **México e Cuba: Revolução, nacionalismo, política externa**. São Leopoldo: Unisinos, 2001. 130 p.

IHU On-Line– De que maneira os Estados Unidos tornaram-se a potência militar que hoje são?

Werner Altmann – Resumidamente, tomemos o Destino Manifesto expresso na luta do bem contra o mal que alicerçou ideologicamente a expansão para o oeste de seu território. Com a incorporação do oeste ao território original ocorre o crescimento do capital financeiro que leva ao imperialismo do século XX. Depois da 2ª Guerra Mundial, os EUA preencheram o vazio de poder mundial que então se constituiu. A derrocada da União Soviética com a retirada de cena do último grande rival forneceu aos EUA poder mundial incontestado. Hoje ocorre a tentativa da hegemonia mundial absoluta e decretação concreta, material, do Fim da História. Na realidade, a grande potência militar sente-se vulnerável do ponto de vista econômico desde o momento em que o Iraque, segundo maior produtor mundial de petróleo, trocou o dólar pelo euro nas suas vendas de combustível, o que significa um baque para o dólar como moeda hegemônica mundial, fortalece o euro, vale dizer, o bloco econômico europeu, e serve de incentivo para produtores de petróleo da periferia do capitalismo seguirem o mesmo caminho. O que está em

jogo hoje é a continuidade, ou não, do domínio mundial por parte da economia norte-americana, isto é, se o dólar se mantém, ou não, como moeda padrão das transações econômicas internacionais, do petróleo especialmente.

IHU On-Line – Como descreveria as relações entre os EUA e o Iraque dos últimos anos? Que diferenças e semelhanças haveria entre a situação atual e a da Guerra do Golfo no início dos anos 90?

Werner Altmann – As relações foram e são assimétricas e unilaterais desde a guerra contra o Irã quando os EUA armaram o Iraque. Os EUA querem agora desarmar o ex-aliado e reaver as armas e segredos militares então fornecidos. Estimativas da ONU indicam que, desde então, foram utilizadas 9 mil toneladas de explosivos nos ataques “informais” ao Iraque. A Guerra do Golfo visava à derrota do Iraque e a impedir a eventual hegemonia iraquiana sobre o petróleo do Oriente Médio. Naquela guerra, o Exército dos EUA destruiu 80% das forças armadas iraquianas. Na situação atual, a guerra visa à destruição do país e a tomada incondicional do combustível iraquiano. Petróleo de fácil e barata extração. Saddam Hussein entrou em rota de colisão irreversível com os EUA quando, em 6/11/2000, véspera da eleição presidencial norte-americana, trocou a moeda com a qual efetuava suas vendas de combustível. Passou do dólar para o euro, trocando inclusive, em meados de 2001, 10 bilhões de dólares de reservas depositadas em banco de Nova Iorque, por euros. Na época, a moeda européia valia 82 centavos de dólar. Com isso, que naquele momento parecia um péssimo negócio, Saddam Hussein trouxe a Europa para o tabuleiro dos embates econômicos e acionou o acirramento da competição do bloco econômico europeu com os EUA. Com a posterior valorização do euro, esta operação de troca de moeda acabou sendo espetacularmente lucrativa, tanto para o Iraque, que passou incólume pela desvalorização do dólar, como também, para as economias européias ancoradas no euro. Veja-se, então, que o Iraque, que depende e vive da venda do petróleo, apresenta a novidade do euro como sua maior arma e põe em xeque aquilo que é mais essencial para a sustentação dos EUA: sua própria moeda. Os EUA, que consomem a quarta parte do petróleo mundial e onde 40% do consumo de energia correspondem a este combustível tem, hoje, uma balança comercial altamente deficitária (negativa em fevereiro de 2003 em 31,5 bilhões de dólares). Dessa forma, o Federal Reserve Bank dos EUA comanda a economia global pautada majoritariamente pelos negócios em torno do petróleo, mas os EUA estão perdendo o controle sobre quem o vende. Veja-se mais: pouco depois de Saddam Hussein haver convertido a moeda referente ao petróleo os EUA, já com Bush na presidência, cortaram as importações de combustível iraquiano. O que assusta os EUA é que a postura do Iraque encaminha uma tendência (Lembre-se que as reservas do Banco Central da Coréia do Norte já estão em euros, o que explica, por certo, as ameaças recentes dos EUA). E se a OPEP, que já está discutindo o assunto (pelo menos de converter suas vendas para a Europa em euros) decidir abandonar o padrão dólar para adotar o euro? Hugo Chávez, visto pelos EUA como amigo de Fidel Castro, também já se referiu ao assunto. E se outros países (Brasil entre eles?) decidirem seguir essa tendência? Projeções já realizadas indicam que, se os países produtores de petróleo aderirem ao euro, o PIB daí proveniente equivaleria ao PIB norte-americano, em torno de 10 trilhões de dólares. E se a Inglaterra abandonar a libra, o que talvez seja uma questão de tempo, o Banco Central Europeu suplantará o Federal Reserve em volume de riqueza numa única moeda. E em todas as transações, o petróleo ocupa o lugar central. E se os petrodólares fossem substituídos pelos petroeuros, então, pela primeira vez, desde a Segunda Guerra Mundial, a moeda franca internacional mudará. O que está em jogo é, portanto, o controle econômico mundial. Assim, para apossar-se do petróleo do Iraque é necessário lá colocar um governo submisso aos EUA (pela destruição e posterior reconstrução do país, o que significa duplo incremento da atividade econômica norte-americana). Isso permitirá ampliar o controle sobre o Oriente Médio, enfraquecendo a OPEP e suas veleidades

autonomistas (Lembre-se também a pressa decorrente do caráter finito dos combustíveis fósseis). A partir daí, será possível defender e manter o dólar como moeda hegemônica mundial. Como se percebe, estamos diante de uma ambivalência fantástica em torno do comando hegemônico mundial. E os EUA, que já o detêm, estão diante de alternativas dicotômicas absolutas: ou aceitam a tendência competitiva em torno do dólar, com o Iraque e a Europa como rivais, ou partem para a guerra contra o Iraque no intuito de eliminar essa tendência para efetivar, então, o aprofundamento de sua dominação até o ponto de uma absolutização hegemônica nunca antes vista e que materialize a conceituação teórica já elaborada nos EUA na década de 1980, a do Fim da História.

IHU On-Line – Quem apóia o presidente Bush dentro e fora dos EUA?

Werner Altmann – Além dos grupos econômicos ligados ao petróleo, o Pentágono e a indústria bélica pretendem desovar e repor os estoques, o que acarretaria um reaquecimento da economia que está em grande crise no governo Bush. A direita republicana, que, desde Reagan, já não tem contradições com esquemas ilegais e inconstitucionais, vê na guerra a única possibilidade de reverter os baixos índices de popularidade do governo e a possibilidade de garantir a reeleição de Bush e a sua permanência no poder. Bush se aproveita também do apoio de grupos religiosos fundamentalistas que querem remover Satanás personificado na figura de Saddam Hussein. Entretanto, estes grupos não determinam a guerra. Servem apenas como apoio que Bush capitaliza.

IHU On-Line – Como entender o posicionamento da França na liderança dos países contra a guerra?

Werner Altmann – A França representa, em certo sentido, a Comunidade Européia – considere-se também a posição da Alemanha e a da Rússia que, como a França, têm poder de veto no Conselho de Segurança da ONU – vista, inclusive, como Bloco Econômico e que, ao contemplar seus interesses e aspirar sua independência, deseja impedir o estabelecimento da hegemonia norte-americana de forma absoluta e irreversível. Como já foi referido, muitos negócios do petróleo, os do Iraque especialmente, estão sendo feitos em euros e não em dólares. Observe-se, também, que a Inglaterra que sempre opôs obstáculos à consolidação da comunidade européia mantém a libra atrelada ao dólar como seu padrão monetário. Entretanto, o povo inglês, em sua esmagadora maioria posiciona-se contra a guerra e Tony Blair começa a experimentar certa solidão no governo. De qualquer forma, o papel da Europa é hoje fundamental para por freio à guerra bárbara e brutal que, levando a ONU de roldão, visa à monopolização absoluta do domínio político e econômico do mundo na tentativa louca de operacionalizar o Fim da História.

IHU On-Line – Qual tem sido a posição histórica do Brasil em relação à guerra e o que deveria fazer no momento atual?

Werner Altmann – Sem muito alarde, o Brasil tem posição contrária à guerra, não apoiará o ataque norte-americano sem o aval do Conselho de Segurança da ONU. O governo Lula está empenhado em estender sua influência na América Latina e, certamente, não está livre para pronunciamentos ostensivos contra os interesses da grande potência. Cite-se, no entanto, a proposta de Lula à ONU, que o embaixador Celso Amorim entregou a Kofi Annan dia 11 de março, propondo a realização de uma “cúpula de interessados”, isto é, líderes do mundo todo e não apenas dos membros do Conselho de Segurança da ONU. A proposta foi considerada inexecutável. Por outro lado, em termos de América Latina não se desconsidere a interessante posição do México que, com o Chile, tem assento atualmente no Conselho de Segurança. Apesar de seu alinhamento com os EUA, desde a década passada, não está apoiando a guerra

anunciada. O México, como se sabe, é importante produtor de petróleo e, nesse contencioso, seus interesses certamente não combinam com a posição unilateral dos EUA.

IHU On-Line – O Sr. acha que alguma coisa poderia ter impedido a guerra?

Werner Altmann – Como se viu, a guerra anunciada visa ao Iraque mas tem, correlativamente, um objetivo de importância decisiva: remover a União Européia como rival da dominação hegemônica planetária. A rigor, nada pode impedi-la se as potências ancoradas em estabelecimentos militares assim o decidirem. Bush já se pronunciou no sentido de que não necessita de autorização da ONU, nem mesmo do apoio inglês, o que permitiu ao humorista da TV americana David Letterman dizer: “Claro, Bush não necessita consultar a ONU, pois ele também não foi eleito pelo povo dos EUA”. O que chama a atenção na atual ação delinqüencial de ameaça de guerra total é que a maior potência mundial, à frente de um império como nunca houve na história da humanidade e que domina pelo capital o que significa dizer que não necessita do domínio territorial para chegar às fontes de matéria-prima, também se vale das formas bárbaras e primitivas de conquista dos mercados pela via militar – hoje com o adicional de tecnologia sofisticadíssima – que era característica da fase pré-imperialista. Assim, estamos hoje numa situação em que a sanidade não consegue fazer frente à loucura e psicopatiaacionadas por vorazes interesses políticos e econômicos. O isolamento desses interesses e da ação belicista do governo dos EUA é, por outro lado, fundamental para se tentar evitar a hecatombe que se avizinha. Nesse sentido, a reação da opinião pública em todo o mundo é impressionante. Dessa forma, o fato positivo de hoje é podermos constatar a reação do mundo civilizado à louca e necrófila aberração fundamentalista do governo norte-americano.

SHOCK & AWE

O TERROR SAGRADO

Experto em questões militares, trabalhando no Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais de Washington, editorialista do Washington Times e ex-docente da Academia da Us Navy onde teve como aluno o atual Secretário de Estado Colin Powell, Harlan Ullman teorizou a estratégia militar denominada ‘Shock & Awe’ que o general Tommy Franks está aplicando no Iraque a fim de induzir Bagdá à rendição. Na Europa desencadeou-se uma discussão. Como traduzir ‘awe’? Alguns o traduziram por ‘desestabilização’, outros por ‘temor’. Mas o termo ‘awe’ exprime algo ainda mais diferente e o seu uso é, particularmente, significativo. Basta consultar o dicionário Webster. Para este, o significado de ‘terror’ como obsoleto e dá como primeira definição a seguinte: “A mixed feeling of reverence, fear and wonder, caused by something majestic, sublime, sacred, etc» (um sentimento misto de reverência, medo, maravilha, causado por qualquer coisa de majestoso, sublime, sagrado etc).

Harlan Ullman, em entrevista publicada pelo jornal italiano **La Stampa**, 23-3-03, é perguntado: ‘Estão havendo muitas interpretações diferenciadas do significado literal de ‘Shock & Awe’. Qual é a mais correta? O que se entende por ‘Awe’, medo, temor ou terror?’.

H. Ullman responde: “Entende-se o sentimento que experimenta um católico piedoso, muito religioso quando se encontra defronte ao Papa: ser intimidado, experimentar temor. Há também quem experimenta terror defronte a um poder imensamente superior a si mesmo, que é tão imponente que o faz sentir-se impotente, sem nenhuma força. A intenção na origem, portanto, é a de intimidar, induzir a outra parte a abaixar a cabeça, renunciando a opor qualquer tipo de resistência”.

Assim, com razão o jornal italiano **Il Manifesto**, 23-3-03, comenta que “Bush ao denominar a ação militar no Iraque de ‘Shock & Awe’ parece preferir que o terror, que sempre suscita ódio e muitas vezes revolta, seja substituído por um temor reverencial que é aquele sentimento misto

de medo e respeito que se experimenta frente à majestade de Deus. Não é por acaso que ele se considera enviado diretamente por Deus. Portanto, que todos se inclinem, ou melhor, se prostrem ante ele – isto se conseguem sobreviver aos mísseis".

ACONTECE

Videoconferência

Na próxima quinta-feira, dia 27, das 16h às 17h, na Sala Conecta da Unisinos, se realizará a videoconferência da Aula Inaugural do Curso de Especialização a distância *Curriculum e educação crítico-humanizadora*, do Centro de Ciências Humanas. A sessão tem como temática *Educação a Distância: possibilidades e limitações*. Estarão presentes as professoras Drª. Andréa Ramal, do Centro Pedagógico Pedro Arrupe - CPPA/Rio de Janeiro e da profª. Eliane Schlemmer, da Unisinos, membro do Núcleo de Apoio Pedagógico - NAP, do Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA e do Programa Gênesis.

O evento conta com o apoio do Instituto Humanitas Unisinos, dos PPGs em Educação, em Filosofia e em Ciências Sociais Aplicadas, do Programa Gênesis, Projeto Infotechne do Centro de Ciências Humanas, Pesquisa em Redes de Alta Velocidade - PRAV, TV Unisinos, Webmasters do Centro de Ciências Humanas, Grupo Órion, Núcleo de Apoio Pedagógico e Curso de Pedagogia.

Espiritualidade Inaciana e

Missão da Unisinos

A área de concentração Teologia Pública do IHU está promovendo a segunda edição do Curso de Extensão sobre Espiritualidade Inaciana e Missão da Unisinos. Serão 6 encontros mensais de 4 horas cada, iniciando em 12 de abril e encerrando em 8 de novembro. O evento é aberto a todos integrantes da comunidade universitária. O objetivo é oportunizar aos participantes conhecimento e vivência da espiritualidade inaciana como fonte inspiradora da Missão da Unisinos.

Confira a seguir a programação do curso:

- 05/04 – Espiritualidade e espiritualidades ao longo da história - P. João Quirino Weber SJ
- 17/05 – Espiritualidade inaciana e incultação do Evangelho - P. Ricardo Antoncich SJ
- 31/05 – Dinamismos da espiritualidade inaciana: Relacionamento com nossa vida - P. Eddie Mercieca SJ
- 14/06 - Espiritualidade inaciana: uma mudança de paradigma - P. Marcelo Aquino SJ
- 13/09 – Espiritualidade inaciana: a promoção da justiça como serviço prestado à fé - P. J. R. Junges SJ
- 11/10 - Espiritualidade inaciana: o diálogo ecumônico e inter-religioso - P. José Ivo Follmann SJ

A União Faz a Vida

O Programa A União Faz a Vida foi pauta da reunião realizada na última sexta-feira, dia 21 de março, no Instituto Humanitas Unisinos. Participaram Ivan Novello, do Sicredi, Jacinto Schneider, gerente administrativo do Centro de Ciências Humanas, Rejane Henneman, do Escritório de Gestão e Tecnologia - EGT, Noely Varela, professora do Centro de Ciências Humanas, e Vera Regina Schmitz, coordenadora adjunta do IHU, Vergílio Perius e Derli Schimidt da área de concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do IHU. O grupo se reuniu para discutir as atividades do Programa para o ano de 2003.

Aprofundando o curso

Nas Pegadas de Santo Inácio

Os funcionários e funcionárias da Unisinos que já fizeram ao menos uma das etapas do curso *Nas Pegadas de Santo Inácio*, podem aprofundar a caminhada através de encontros quinzenais. Sempre nas primeiras e últimas quartas-feiras de cada mês, os funcionários interessados devem comparecer, das 12h30min às 13h30min, na sala de reuniões do primeiro piso do IHU. Na próxima quarta-feira, dia 26, acontecerá o próximo encontro. A promoção é da Área de Concentração Teologia Pública, do IHU.

Povos Indígenas em áreas urbanas

No dia 26 de fevereiro, a profa. Dra. Paula Caleffi, articuladora do grupo temático Povos Indígenas da Área de Concentração Ética, Cultura e Cidadania, do IHU, a Profª MS Ana Mercedes Sarria Icaza, do grupo temático Economia Solidária, da Área de Concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade e a Drª Carolina da Silveira Medeiros, Procuradora da República em São Leopoldo, visitaram o acampamento indígena do Rio dos Sinos, em São Leopoldo. Esta visita partiu de um pedido do Ministério Público para a Unisinos pensar com a Secretaria de Cultura algum projeto que ajude a melhorar as condições de vida destas famílias especialmente visando a uma forma de geração de renda solidária. No encontro, as professoras, a promotora e dois empresários, que também estavam presentes, com interesse em colaborar na busca de uma melhoria de vida dos caingangues, conheceram o acampamento e conversaram com os líderes sobre a possibilidade de um projeto de etno-sustentabilidade que será apresentado no dia 19 de abril, dia do índio. O projeto poderia ser também uma experiência piloto na perspectiva de pensar a questão indígena nas regiões urbanas e não-urbanas. Atualmente, no acampamento, residem 14 famílias das tribos dos caingangues, vindos do Município de Nonoai. As famílias vivem em condições muito precárias: nenhuma das crianças vai à escola, e os índios têm sérias dificuldades para a comercialização dos produtos de artesanatos que fazem.

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL

Publicamos uma entrevista com Boaventura de Souza Santos, professor de Sociologia da Universidade de Coimbra, Portugal, concedida ao **IHU On-Line** e outros veículos de comunicação, após sua Conferência sobre Direitos e Diversidade, no dia 25 de janeiro, no III Fórum Social Mundial, que aconteceu em Porto Alegre, de 23 a 28 de janeiro de 2003.

MULTICULTURALISMO EMANCIPATÓRIO

- O que o senhor vê que mudou no mundo, desde o primeiro Fórum, principalmente com esses resultados eleitorais aqui na América Latina e qual é o papel da América Latina agora?

Boaventura de Souza Santos- Mudou totalmente o discurso das agências internacionais. Há cinco anos, o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional não falavam da democracia participativa, do orçamento participativo, da luta contra a fome, da prioridade de acabar com a pobreza. Hoje falam, portanto mudamos o discurso dessas agências. Não mudamos as suas práticas. Ainda não foi possível entrar no miolo da agenda política. Mas as mudanças não se

podem avaliar apenas em nível internacional, mas também em nível nacional. Eu penso verdadeiramente que a vitória do Lula, como a do Lúcio Gutiérrez, no Equador, embora esta seja distinta da do Lula, é uma expressão de todo esse movimento, da credibilização enorme desse movimento

-Como o senhor vê a crise na Venezuela?

Boaventura de Souza Santos- Se realmente é para levar a sério a democracia, nós temos um presidente democraticamente eleito, voltou a ser eleito, com uma percentagem e uma vitória eleitoral enorme. Terão ocorrido erros? Não tenho dúvida que sim. Penso, no entanto, que um golpe ou o bloqueio total do sistema democrático, como está acontecendo agora na Venezuela, não seja realmente a solução. A solução é deixar o processo democrático seguir até o fim. Eu aplaudo o fato de Chávez ter dito, muitas vezes, que é possível declarar o estado de sítio, mas não o querer fazer, o que é uma prova de que quer manter-se dentro do quadro democrático. Os seus opositores deveriam também manter-se dentro do quadro democrático. É um país que perdeu a mediação política dos partidos. Como perdeu essa mediação, ficou a luta entre ricos e pobres. É um país absolutamente fraturado, absolutamente dividido. É só ver na televisão as manifestações: de um lado estão brancos, de outro lado, negros. E é realmente muito racial. É a clivagem social enorme entre os bairros e o resto da população. Portanto esta é uma tragédia, porque a Venezuela é um grande país, é o 5º produtor de petróleo, e não podemos deixar que entre em um colapso.

-O que é o multiculturalismo emancipatório?

Boaventura de Souza Santos- O multiculturalismo emancipatório é um multiculturalismo que aproxima as culturas e que não as põe em gueto. As culturas têm que aprender umas com as outras. E isso é o que distingue, em parte, o multiculturalismo emancipatório do reacionário. Nós, neste momento, dizemos que os indígenas estão em pé de igualdade com todos nós. E que os camponeses estão em pé de igualdade. Mas, ao mesmo tempo, esquecemos que esses grupos sociais foram vítimas de uma enorme discriminação social e econômica sem uma compensação econômica, sem direitos sociais, sem uma ação afirmativa positiva e não vai ser possível estabelecer igualdade, ao contrário, podem destruir aquelas culturas. É evidente que alguns países foram muito corajosos. Apesar de tudo, a Colômbia, por exemplo, tomou uma decisão muito corajosa no sentido de reconhecer os direitos e fazer transferências financeiras para os territórios indígenas, portanto é esta a outra idéia: o conhecimento da diferença tem que ir de par com a forma de redistribuição de riqueza. O que acontece na Bolívia, o que está acontecendo neste momento no Equador é esta reivindicação de diferença de igualdade. Como se sabe, na África do Sul, esta reivindicação teve a mesma forma. Os negros da África do Sul querem ser iguais aos brancos, mas querem ser diferentes, têm diferentes culturas. Uma coisa em que querem ser iguais naturalmente é nos direitos sociais. Infelizmente, Mandela foi partidário de que não se fizesse reforma agrária. E hoje, 97% da estrutura agrária é dominada por 3% da população quase toda branca. Sem a reforma agrária, não é possível que haja este reconhecimento dos negros. O aumento brutal da criminalidade na África do Sul é uma reação despolitizada a uma exclusão política. E isso não vai acontecer apenas na África do Sul, pode acontecer em qualquer um dos nossos países.

-Há teóricos que dizem que o multiculturalismo é um fracasso da esquerda que não conseguiu fazer a revolução e que acaba atrasando mais ainda a luta da esquerda.

Boaventura de Souza Santos- Eu respeito todos os intelectuais brasileiros, mas quero dizer o seguinte: normalmente esse é o pensamento de um marxismo completamente ultrapassado. A cultura marxista foi muito importante para nós, mas não pode ser suficiente, pela simples razão

de que o marxismo é tão ocidental quanto o liberalismo. E o mundo hoje é muito mais amplo. Veja como Marx justificou o realismo da Índia: em poucos dias, os ingleses vão civilizar a Índia. É possível a gente dizer uma coisa assim hoje? Quando a cultura é muito mais poderosa, mais antiga na Índia e na China do que no Ocidente! Até o século XIV, nós fomos uma periferia da Índia e da China. Era de lá que vinha a cultura, era de lá que vinha tudo. O multiculturalismo emancipatório é o da renda básica, o da distribuição da riqueza. Não é uma estratégia meramente cultural. Trata-se de combinar o direito à diferença com o direito à distribuição da riqueza e, portanto, a formas de renda básica, o que o distingue do multiculturalismo reacionário.

- Quais são os riscos e os maiores desafios do novo governo Lula?

Boaventura de Souza Santos- O risco maior é ser governo e não ser poder. Ou seja, como se sabe, o poder está, muitas vezes, dentro e fora do governo; o poder social, o poder político, o poder econômico. O presidente Lula sabe disso. E a constituição do seu governo é sinal de que ele sabe disso. Agora, é um processo muito lento, porque tem que haver distribuição de riqueza, todos têm que fazer sacrifícios. Na América Latina, as pessoas não estão habituadas a fazer concessões, porque, nas sociedades coloniais, uma vez que o hábito não foi concedido aos indígenas, mas aos descendentes dos colonos, estes se sentiram elites. Acabou o colonialismo, mas não acabou a colonialidade do poder. As relações ficaram extremamente coloniais mesmo depois de terminar o colonialismo. E é por isso que houve muito genocídio, muita matança de indígenas depois da independência. Mostra que nem tudo mudou. Este governo está consciente de que tem que governar e ser poder. O segundo grande risco, no meu entender, é a guerra. Se a guerra deflagrar, nós vamos assistir a uma forma exacerbada de nacionalismos. Portanto, esta oportunidade é aberta para que haja uma globalização mais doce, mais *light*, que comece a se comprometer com tudo que estamos vindo aqui realizar e a propor. É uma oportunidade que exige paz. Talvez por ela estar próxima é que um grande país hegemônico está recorrendo à guerra, porque sabe que a guerra vai inviabilizar isso. E é por isso que a luta pela paz é tão importante nesse momento.

-E o povo, não só as pessoas que estão organizadas, que papel resta ao povo neste processo?

Boaventura de Souza Santos- Pressionar, porque o terceiro risco que eu vejo, obviamente, aqui no governo Lula, é fundamentalmente a frustração das expectativas. Isto é, o Lula elevou de tal maneira as expectativas dos brasileiros, das classes populares, que agora qualquer pequeno erro, qualquer pequeno atraso pode realmente levar a uma frustração enorme. Os políticos democráticos, progressistas deste país têm um papel enorme para administrar essa frustração. Para não deixar que ela descambe em atitudes que podem ser extremamente perigosas. Uma derrota de Lula seria uma derrota para décadas do pensamento progressista de esquerda. É fundamental que ele saiba que tem que ser devagar. Eu creio que essas frustrações não vão ter lugar exatamente, porque se está avançando com cuidado.

DESTAQUES DA SEMANA

LIVRO DA SEMANA

Para Além do Capital, de István Mészáros. Tradução: Paulo César Castanheira e Sérgio Lessa. São Paulo, Campinas: Boitempo Editorial e Editora da Unicamp, 2002. 1093 p.

Publicamos o artigo de Jacob Gorender sobre o livro *Para Além do Capital*, de István Mészáros, publicado na **Folha de São Paulo**, de 8 de fevereiro de 2003. Jacob Gorender é historiador e autor de **Marxismo sem Utopia**. São Paulo: Ática, 1999, 288 p. Foi professor visitante do Instituto de Estudos Avançados da USP. István Mészáros, depois da edição da obra acima, publicou o livro **O Século XXI - Socialismo ou Barbárie?**, São Paulo: Boitempo, 109 págs.

Capitalismo pós-capitalista

“Húngaro radicado na Inglaterra, onde fez carreira universitária, o autor ambicionou com esta obra, para lá de volumosa, nada mais, nada menos do que oferecer a "Suma Marxológica" do final do século 20. Daí a variedade de temas e autores por ele abordados, com profundidade e competência, no entanto demasiado desiguais. O texto passa, com freqüência, da exposição de questões abstratas à crônica política. Uma vez que a obra data de 1995, a crônica ficou, em parte considerável, desatualizada. Se o hermetismo não é do gosto do autor, não se pode dizer o mesmo de sua propensão à prolixidade. Dotado de grande erudição, István Mészáros desfila pelas páginas do livro abordagens detalhadas e citações nutridas de muitas dezenas de autores. Marx, Engels, Lênin e Lukács aparecem com uma participação privilegiada, mas também ganham destaque Hegel, Bakunin, Adam Smith, Weber, Galbraith, Burnham, Polanyi, Hayek, Keynes, Friedman, Babbage, Parsons, Stálin e numerosos outros. Sob este aspecto, o leitor tem à disposição um fichário qualificado.

Mészáros sofreu influência especial de Rosa Luxemburgo, mas, sobretudo, de Lukács, do qual foi discípulo e seguidor. Daí as numerosas referências que recebe o autor de "História e Consciência de Classe", as quais não excluem a crítica a seus recuos e acomodações diante das pressões soviéticas. Os acontecimentos de 1956 - quando a Hungria sofreu a invasão de tropas soviéticas - impuseram, sem dúvida, marca particular no pensamento de Mészáros, além de obrigá-lo a expatriar-se.

O título corresponde à idéia central de que o conceito de capital não se identifica com o de capitalismo. Não se trata de novidade com relação a Marx, que se referiu a formas do capital anteriores à sociedade burguesa. Aí entravam as variedades históricas do capital comercial e do capital usurário. Contudo, Marx não imaginou formas "pós-capitalistas" do capital. A novidade de Mészáros consiste em propor a presença e a dominação do capital em sociedades pós-capitalistas, como a que existiu na União Soviética. O capital nela permaneceu, porque persistiu a organização hierárquica do trabalho, simultaneamente com a separação entre a produção e o seu controle. Por consequência, persistiu a extração do excedente econômico já não por uma classe de capitalistas, porém por um segmento de burocratas, os quais deram continuidade ao domínio do capital. Para superar o capital, seria necessária uma revolução que não foi realizada.

Mészáros expõe a sociedade capitalista, atualmente imperante no Planeta, como uma sociedade perdulária, caracterizada por desperdícios cada vez maiores, atolada na massa crescente de produtos rapidamente descartáveis. Seria, sob este aspecto, uma sociedade não

só destrutiva, mas também autodestrutiva. A ênfase no desperdício e no descartável também constitui novidade com relação a Marx, que focalizou a destrutividade das crises cíclicas sem se deter na destrutividade cotidiana, corrente na sociedade capitalista.

O primeiro item, nesta rubrica, é o armamentismo. Já Rosa Luxemburgo havia demonstrado como a produção bélica se torna essencial à absorção de parte da capacidade produtiva social, ao criar um mercado obrigatório, sustentado pelo orçamento estatal, com as características de regularidade e mínimo de risco. A respeito, o autor de *Para Além do Capital* não acrescenta novidade teórica.

Também é muito de passagem que se refere à "obsolescência planejada". Tampouco cita Michel Aglietta, o autor que melhor desenvolveu o tema. A economia cartelizada permite às empresas monopolistas a prática da amortização contábil abreviada do capital fixo, transferindo ao preço final dos produtos a parcela correspondente a essa amortização precipitada, antes do prazo. O que permite aumentar o lucro e substituir os equipamentos quando ainda são tecnicamente utilizáveis, antes da sua obsolescência técnica efetiva. A obsolescência forçada implicaria um desperdício social significativo.

O sociometabolismo

O carro-chefe de Mészáros é a sua pretensa descoberta de operação, no capitalismo, de uma taxa de utilização decrescente dos bens, taxa que supostamente tenderia a zero. Eleva a descoberta à categoria de lei tendencial fundamental do capitalismo. Aqui se manifestaria a propensão destrutiva do capital.

Um dos conceitos mais aplicados no texto é o de sociometabolismo. Em nosso padrão societário, tem vigência um sociometabolismo que confere aos bens duráveis um peso muito maior do que o dos bens não-duráveis. O que sucede é que seria cada vez mais abreviada a durabilidade dos bens duráveis. Trata-se de operação deliberada pelo capital com o objetivo de ampliar, no mercado, a saída para a oferta dos bens em expansão crescente, porque aí estaria outra característica essencial do capital: sua tendência à expansão ilimitada e descontrolada.

O autor não apresenta uma análise, em termos concretos, do que seria a taxa decrescente de utilização dos bens. Afinal, sabemos que casas e edifícios são demolidos com vistas a modernizações urbanísticas. Mas isso não indica necessariamente uma queda dos prazos de habitabilidade das casas e edifícios. Tampouco ficamos sabendo em que proporção, devidamente quantificada, automóveis e outros meios de transporte, bem como máquinas e equipamentos, estariam sendo supostamente sucateados antes do término do seu prazo de validade. Em algumas cidades, como Havana e Caracas, ainda podemos ver em trâfego cadilacs rabos-de-peixe e outros carrões dos anos 50. Mas semelhante arcaísmo não é recomendável como padrão nem é generalizado.

O que Mészáros oferece de concreto não está isento de controvérsia. Podemos concordar com a asserção de que o desenvolvimento dos meios de transporte coletivo não costuma ter a prioridade que deveria merecer dos poderes públicos, o que favorece o automóvel individualizado e implica desperdícios sociais evitáveis. Mas o autor de *Para Além do Capital* escorrega feio quando critica a compra de câmaras fotográficas pelo fato de que só teriam serventia na época de férias. Ou quando condena o uso de computadores e o consumo excessivo de papel em escritórios informatizados, nos quais sugere que seria suficiente a velha máquina de datilografar.

Afinal, as roupas de inverno ficam no armário a maior parte do ano e os computadores trouxeram vantagens que compensam imensamente o gasto de papel. Contrariando a tradição marxista, Mészáros manifesta aversão ao desenvolvimento das forças produtivas.

A superação do capital

Mas a superação do domínio do capital não se dará pela via social-democrata, nem pela soviético-estalinista. Ambas fracassaram historicamente. Em especial, o programa soviético do "socialismo em um só país" redundou em desastre incomensurável. Em contrapartida, o domínio do capital, sob a forma capitalista moderna, não se livrou de contradições profundas mediante o apelo à intervenção do Estado. Este deixou de ser uma instituição meramente política, própria da superestrutura, conforme a terminologia marxista, e se integrou definitivamente na infra-estrutura econômica. Mas essa transformação só alivia pressões emergenciais, enquanto acentua tremendamente as contradições estruturais, gerando gravíssimas desigualdades e desenhandando ameaças de destruição em massa. Superar o capital se configura como tarefa urgente para a humanidade.

Segundo o autor, o capital só será extinto com o advento do sistema comunal de produção e consumo. Neste, deverá efetivamente desaparecer a divisão hierárquica do trabalho, de tal maneira que todos os agentes sociais gozarão de situação igualitária. Um novo sociometabolismo passará a ter vigência.

No final da "Introdução", encontramos uma síntese dos traços fundamentais desse sistema comunal (porém não coletivista). Essa alternativa socialista implicará a regulação pelos próprios produtores das metas do processo de trabalho, com eliminação dos planos impostos de cima; o planejamento virá de baixo e afastará planos arbitrários, fictícios e irrealizáveis; a distribuição da força de trabalho e dos bens produzidos se fará por consenso coletivo, afastando tanto a prepotência do poder político quanto a anarquia do mercado; os produtores serão motivados por incentivos morais e materiais, sem apelo a coações como a das normas "stakanovistas" do regime soviético; os membros da sociedade assumirão responsabilidades voluntárias no exercício de suas funções, suprimindo a irresponsabilidade institucionalizada, própria de todas as variedades do capital.

Ao terminar a leitura do milhar e tanto de páginas, deparamo-nos com a conclusão de que o caminho a percorrer para chegar ao sistema comunal é que não fica, nem de longe, satisfatoriamente esclarecido. Nem seria de esperar algo diferente.

Mészáros empreende, no final de sua obra, uma crítica contundente e acertada das utopias marxianas acerca da sociedade socialista. Em particular, aquelas que se referem à messiânica atribuição ao proletariado da missão histórica de auto-redenção com simultânea redenção da humanidade. Mészáros faz referência às posições chauvinistas assumidas pelos trabalhadores diante de conflitos nacionais e à sua cooptação pelo reformismo do poder burguês. A realidade prática se distancia muito da utopia teórica.

Isso, no entanto, não é suficiente para colocar o autor à altura do conjunto de fatores característico da contemporaneidade. Escapa-lhe, muito especialmente, o dinamismo do capital em sua moderna forma capitalista. A rigor, podemos dizer que o filósofo".

ARTIGO DA SEMANA

O PARADOXO DO TERCEIRO MILÊNIO

Por Edgar Morin

*Traduzimos e reproduzimos o artigo de Edgar Morin, com o título acima, publicado no jornal italiano **La Stampa**, em 19 de março de 2003. No texto, Morin coloca que temos a sociedade global, mas somos incapazes de governá-la.*

"A história humana começou há oito milênios. Pôs-se em movimento com o nascimento dos Estados, animada por uma megalomania dominadora, que determinou a sede de glória dos soberanos e a sede de sangue dos deuses. A história nasce da guerra e faz nascer a guerra. Esta presença a emergência das civilizações: cada uma traz algo consigo, as suas artes, as suas técnicas, os seus mitos, as suas obras mais importantes. Mas ela presença também o naufrágio destas civilizações, perdidas em inúmeros "Titanics" históricos. A história atualizou uma série de potencialidades racionais, técnicas, econômicas, estéticas, lúdicas, poéticas, mas também a demência e a desmedida do *Homem sapiens-demens*.

As guerras tomam uma nova direção a partir da revolução industrial que multiplica o poder mortal dos armamentos. Os Estados, tornados patrões de formidáveis megamáquinas sociais, utilizam armas sempre mais maciçamente mortais.

A primeira guerra mundial provoca hecatombes sem precedentes, atingindo as populações civis e tornando-se uma guerra total. A segunda guerra decuplica a eficácia das armas de destruição, aniquila milhões de civis com bombardeios e deportações e termina com os fúnebres fungos de Hiroshima e Nagasaki. A civilização científico-técnico-militar, hoje, é capaz de aniquilar a humanidade, isto é, de aniquilar a si mesma.

O pacifismo moderno nasceu como reação ao horror da primeira guerra mundial. Desintegrou-se sob a ocupação nazista e a sua lógica a conduziu ao paradoxo da colaboração com a guerra hitleriana. Muitos, inclusive o que assina este artigo, participou da Resistência, isto é, ingressou no campo de guerra.

No entanto, a ameaça nuclear pós-Hiroshima fez renascer o pacifismo. Mas, a partir do momento em que a URSS se torna potência nuclear, o movimento pela paz – manipulado pelos próprios russos que na própria pátria proibiam qualquer manifestação pacifista – continuava a se concentrar sobre o armamento ocidental. O que induziu Mitterrand a comentar, justamente: "Os pacifistas estão no Ocidente, e os mísseis, no Oriente".

As guerras do Vietnã e aquelas de libertação colonial fizeram nascer, nos países colonialistas, a oposição às guerras repressivas. Nos EUA, o movimento pacifista idealizou os "Vietcongs", ignorando o sistema totalitário do qual faziam parte, e depois foi pego no contrapé, quando o Vietnã invadiu o Camboja.

Apesar da sua doença infantil pró-soviética, o pacifismo pós-Hiroshima testemunhava a consciência adquirida da ameaça global para a humanidade. O pacifismo contra a guerra do Vietnã testemunhava, ao contrário, que, nos países colonialistas, se formara uma consciência dos direitos dos povo e se colocava a questão de romper a ligação com um passado hegemônico. Mas nunca houve um movimento global para pedir a destruição de todas as armas de aniquilamento de massa, especialmente as nucleares.

As manifestações recentes mostraram uma coalizão heterogênea de pacifismo absoluto, antiamericanismo herdeiro de uma prospectiva morta, pacifismo bem motivado contra uma impudência e uma imprudência guerreira e, enfim, pacifismo que aponta para as necessidades vitais da era planetária.

Com efeito, nesta pacífica sublevação há uma parte de reação contra a impudência de uma caça a Bin Laden que se transforma, com um jogo de prestígio, em caça a Saddam Hussein; uma reação contra a fragilidade dos argumentos sobre o perigo iraquiano, contra a

dissimulação dos verdadeiros objetivos estratégicos e petrolíferos que visam ao controle do Oriente Médio. E ainda, há uma reação contra a política hegemônica quase imperial dos Estados Unidos, bem decidida a garantir a ordem mundial ainda que sem o acordo da ONU.

Há também uma parte de reação contra a imprudência de uma intervenção no coração da uma das zonas mais 'quentes' do Planeta. Uma guerra contra o Iraque não poderá ser circunscrita, será uma operação de aprendiz de feiticeiro que pode provocar uma reação em cadeia.

Por detrás das recentes manifestações dos pacifistas no Ocidente, há a percepção de um ameaça apocalíptica. Não se trata de salvar Saddam: é uma reação ao círculo vicioso do ódio e do terror que vemos agindo nas relações entre israelitas e palestinos. A situação atual traz consigo uma mensagem: a guerra, filha da história e mãe da história, chegou ao ponto fatal no qual arrisca levar consigo a própria história. Estamos nas preliminares de uma possível pós-história. A última etapa da mundialização, iniciada nos anos 1990, produziu as infra-estruturas de uma verdadeira sociedade mundial. Mas é incapaz de instalar as estruturas para poder governar tudo isso e, consequentemente, desencadeia o caos.

Eis-nos, portanto, diante do paradoxo do terceiro milênio: temos a possibilidade de sair da história pelo alto, ascendendo a uma sociedade-mundo que supere os Estados e os seus limites e instaure um governo mundial que possa discutir os temas vitais para o Planeta. Mas, ao mesmo tempo, as nações não são capazes de instaurar o poder supranacional que limitaria as suas soberanias; as Nações Unidas são incapazes de constituir o núcleo do governo mundial que permitiria superar a era da guerra, limitando a soberania absoluta dos Estados nacionais.

Por isso, estamos frente à alternativa: ou a ONU consegue, verdadeiramente, assumir o papel que leve à pacificação planetária, ou o caminho estará aberto para o domínio de um novo império que, hoje, aspira a se tornar o responsável por esta sociedade-mundo. Portanto, reconstruir as Nações Unidas tornou-se uma exigência fundamental para o futuro da humanidade. A alternativa torna-se cada vez mais urgente: ou sair da história pelo alto, ou deixar-se engolhar pelas últimos tremores da história. Se tal acontecer, sairemos da história por baixo. Algo que se assemelharia ao cenário do filme. A idéia de sair da história pode parecer utópica. Mas a humanidade já não saiu, há alguns milhares de anos, da pré-história? Sair da história não significa imobilizar-se. Ao contrário, significa continuar a evolução, mas segundo outras normas".

ENTREVISTA DA SEMANA

O CONFLITO EUA – IRAQUE: DESDOBRAMENTO DO 11-S

Reproduzimos, na íntegra, a entrevista de Gilles Kepel concedida ao *El País*, em 16 de março de 2003. G. Kepel é um dos mais prestigiosos estudiosos europeus do mundo muçulmano e, sobretudo, do Oriente Médio. G. Kepel é reconhecido, na Europa, como um dos maiores conhecedores do mundo islâmico. Ele é autor do famoso livro *La Revanche de Dieu. Chrétiens, juifs, musulmans à la reconquête du monde*, Paris: Seuil, 1991. Este livro foi traduzido para o português sob o título *A Vingança de Deus - Cristãos, judeus e muçulmanos à reconquista do mundo*, São Paulo: Editora Dom Quixote, 1992. Mais recentemente, publicou dois livros: *Jihad, expansion et déclin de l'islamisme*, Paris: Gallimard, 2000 e *Réturn d' 'Orient*, Paris: Gallimard, 2002, que são anotações de uma longa viagem pelos países islâmicos e que complementa e atualiza o livro anterior, *Jihad*.

A tradução da entrevista e os subtítulos são dos nossos colegas do CEPAT-Curitiba, aos quais agradecemos.

El País - Você acredita que o 11-S significou uma mudança total da política dos EUA, uma nova forma de conceber suas relações com o Oriente Médio?

Gilles Kepel – A determinação atual dos EUA de atacar o Iraque, seja qual for a decisão das Nações Unidas, somente é compreensível se nos remetemos ao 11-S. Depois dos ataques, a administração dos EUA chegou à conclusão de que o sistema de alianças no Oriente Médio, criado após a II Guerra Mundial, já não funcionava. A aliança privilegiada com a Arábia Saudita, forjada em 1945, já não funcionava, porque, dos 19 'piratas do ar', 15 eram sauditas⁽²⁾. Para os EUA, todo o sistema do Oriente Médio irrompe como patológico. As decisões tomadas logo após o 11-S - perseguir a rede Al Qaeda, desalojar os talibãs do poder - são medidas de cirurgia, porém, para eles, o importante é buscar as causas. Estimam que, se a organização no Oriente Médio, em seu conjunto, não for alterada em profundidade se produzirão outros fenômenos terroristas da mesma ordem e a segurança de Israel nunca estará realmente garantida. Para eles [os EUA], o ataque contra o Iraque é uma forma de responder ao 11-S e de concluir algo que se iniciou em 1979, quando ocorreu a revolução islâmica no Irã. Os EUA reagiram de duas maneiras: por um lado, estimularam Saddam Hussein a lutar contra o Irã, entre 1980 e 1988. Armaram-no, deram-lhe dinheiro, aconselharam-no. Por outro lado, estava a jihad (guerra santa) no Afeganistão, que pretendia se converter em um Vietnam para a URSS e, além disso, era uma forma de proporcionar uma alternativa à propaganda iraniana, que queria lançar o islã contra os EUA. Em 1989, podemos crer que esta guerra - por agentes interpostos - tenha sido um êxito: Irã firma um armistício com Saddam em 1988, em fevereiro de 1989, o exército vermelho deixa o Afeganistão. Pode-se pensar que, 10 anos depois da revolução iraniana, o perigo está controlado, que uma espécie de 'ordem americana saudita' reina na região. Mas, os EUA alimentaram uma serpente que vai picá-los. Saddam Hussein, que foi incentivado à guerra, está arruinado, e, ante as constantes reclamações econômicas do Kuwait, acaba por invadir este país em 1990 e esta invasão dará aos militantes da jihad, formados nos campos do Afeganistão e do Paquistão, a oportunidade de romper com a Arábia Saudita. Os anos 90 são a expressão do conflito não resolvido dos anos 80: o Iraque arruinado, que ataca o Kuwait, se converte em um problema maior e os jihadistas opõem-se aos EUA e a Arábia Saudita. Tudo isso resultará no estopim do 11-S de 2001. Quando os EUA dizem que há uma relação entre Bin Laden e Saddam não convencem ninguém, salvo a Aznar e Blair. Não há laços concretos, mas, do ponto de vista estadunidense, há lógica relacionar os dois: para eles, eliminar Saddam, significa terminar o serviço que não concluíram em 1991 e ao mesmo tempo criar uma nova ordem no Oriente Médio, cuja dinâmica significará acabar os fatores econômicos e sociais que provocaram o 11-S. A ofensiva americana, na mente dos neoconservadores, significa acabar um processo que começou com a Revolução iraniana, trata-se de fechar a caixa de Pandora.

A aposta americana

El País - A guerra pode ser fácil, mas não a pós-guerra. Existe a possibilidade de que o Iraque se converta em um Afeganistão para os Estados Unidos?

Gilles Kepel – Sim, em um novo Vietnam. A situação do Iraque é a de um Estado que pode se tornar tão balcanizado como a antiga Iugoslávia. Desde 1920, a única forma como se conseguiu fazer funcionar um Iraque independente foi dando o poder a minoria sunita sobre os curdos e os xiitas. Mas o Iraque, compreendido a partir do exterior, é uma entidade muito antiga; e a Mesopotâmia, um país que sempre foi a região disputada entre o Leste e o Oeste, é uma região muito rica, única no Oriente Médio, com três elementos essenciais: a água, com o Tigre e o

² .- Referência ao grupo de militantes da rede Al Qaeda que sequestraram os aviões nos EUA no dia 11 de setembro de 2001 e os lançaram sobre as torres gêmeas.

Eufrates; o petróleo, com a segunda maior reserva do mundo, somente atrás da Arábia Saudita, muito pouco exploradas no momento; uma classe média bastante instruída até o embargo após a primeira guerra do golfo. No Oriente Médio, havia um ditado que dizia: o Egito escreve, o Líbano imprime e o Iraque lê. A aposta estadunidense é que a população iraquiana em seu conjunto não agüenta mais o regime de Saddam. O problema não é a guerra, porque o Iraque já está em guerra há 20 anos, o que a população espera é que aconteça algo para acabar com este sistema. Os neoconservadores estão convencidos de que, se se faz um ataque sobre o Iraque o suficientemente forte, a população irá se levantar e acabar com Saddam. No plano estratégico tem sentido, mas, ao mesmo tempo, Washington, não tem muito crédito no Iraque, porque, em 1991, incitou a população xiita do sul a levantar-se, e como a Guarda Republicana não havia sido destruída pelo Exército dos EUA, se produziram massacres terríveis. A rebelião somente acontecerá depois de um ataque devastador, e isso significa que haverá mortos, vítimas que serão transmitidas em imagens pela Al Yazira. Os aliados dos EUA na região terão que lidar com uma situação muito difícil. De fato, a dificuldade em que se encontram os EUA é que todo o mundo imagina que tenham a capacidade militar para fazerem o que querem no Iraque ou em qualquer outro lugar, mas o problema é que Washington pode fazer a guerra sozinho, porém não pode sozinho fazer a paz, e esse é o seu grande fracasso diplomático. Se os Estados Unidos fazem a guerra sem o apoio da ONU, encontrar-se-ão em uma situação extremamente complicada no pós-guerra. Não podem ocupar o Iraque sozinhos, é preciso árabes, europeus, porque se trata de uma situação extremamente complexa para administrar. Desde o início dessa história, a impressão é que é o Pentágono quem governa. As alianças deveriam ser feitas através do Departamento de Estado, porém, este parece que é apenas auxiliar do Pentágono. Nos meios diplomáticos, não conseguiram que os seus aliados aceitassem sua diplomacia militar, com exceção de Aznar e Blair. O que resta aos EUA é a aposta que a população iraquiana irá receber as tropas com bandeiras de listras e estrelas. Não é impossível, porém os preparativos para a guerra, do lado diplomático, foram levados a cabo de forma torpe.

El País - Porém, ainda que este apoio aconteça, você não acredita que uma invasão ao Iraque produzirá imagens muito inquietantes para o Oriente Médio: os turcos entrando no Curdistão iraquiano, os tanques dos EUA em Bagdá...?

Gilles Kepel - É algo muito difícil, porque o problema é que as relações internacionais estão marcadas pela força, porém precisa existir também um elemento de confiança. E o problema de hoje acerca do Iraque é a palavra dos Estados Unidos. Países que são aliados dos EUA têm a impressão de que serão abandonados. Se a Arábia Saudita é abandonada, isso significará que ninguém quererá aliar-se a ela. Os curdos vivem hoje sob o temor de que o exército turco invada o Curdistão e recupere a velha ambição otomana de 1925, de controlar o petróleo de Kirkuk. Não sabemos onde está a 'palavra' dos EUA. Washington deve acreditar que a operação militar será tão eficaz que não haverá nenhuma outra possibilidade mais que capitular, porém não vejo com clareza como esta mescla toda vai ser administrada.

A dimensão religiosa e econômica no conflito

El País - Em seu livro *La revancha de Dios (A revanche de Deus)*, publicado em 1991, você falava do ressurgimento, não somente do radicalismo islâmico, mas também do cristianismo e do judaísmo. Isso é algo que agora, sob a presidência de Bush, é levado a sério por mais pessoas.

Gilles Kepel - Nos anos noventa, esse livro foi muito atacado, porque se dizia que só tinha sentido no mundo muçulmano. Efetivamente, agora todo mundo está destacando a dimensão religiosa, do cristianismo renascido da administração de Bush; porém não estou seguro de que isso seja um elemento fundamental na tomada de decisões estadunidenses: a economia é

muito mais importante. Apesar de sua riqueza petrolífera, todos os indicadores econômicos do Oriente Médio estão em vermelho: o desemprego cresce, os investimentos diminuem, a demografia continua explodindo. É a mesma situação da África subsaariana, mas com petróleo. Portanto, esta região precisa ser inserida em uma espécie de globalização virtual, porque se necessita do petróleo. É preciso encontrar uma forma de inserir o Oriente Médio nas relações internacionais, sob a dominação dos EUA. A principal ameaça é o terrorismo e a desestabilização. Uma operação no Iraque permitirá levar as classes médias ao poder, como na Turquia, no fundo, Erdogan⁽³⁾ é o que os EUA consideram como o melhor. É uma política complexa, cujos determinantes são econômicos. A dimensão religiosa é secundária, é, sobretudo, retórica.

Como o Pentágono vê o Oriente Médio

El País - Têm-se falado, uma ou outra vez, que, com a primeira guerra do Golfo, os bombardeios no Afeganistão, as duas Intifadas, que regimes árabes moderados, como o Egito, se encontravam no fio da navalha, no limite de uma explosão popular. Mas, ao mesmo tempo, em 1979, poucos anteciparam a queda do Xá. Poderá ocorrer algum dia uma revolução desse tipo em outros países da região?

Gilles Kepel - É difícil fazer previsões, porém, com a guerra, a tensão será muito forte. No Egito, por exemplo, o regime de Mubarak está canalizando as manifestações populares: primeiro, em um estádio para a oposição e, depois, o partido no poder organizou um protesto nas ruas. É um sinal de que o Governo do Egito tem que fazer malabarismos, porque os Estados Unidos lembram constantemente que sem os 2 bilhões de dólares anuais não poderão sobreviver. A outra aposta dos EUA é fazer com que as classes médias tomem o poder no Iraque e que este exemplo se estenda para todo o Oriente Médio. Com uma nova prosperidade, se freará, entre outras coisas, a imigração massiva. Entretanto, o problema está em que, para alcançar este objetivo, Washington necessita do apoio dos regimes autoritários: é necessário que a Arábia Saudita proporcione muito petróleo, e não podemos pedir-lhes que façam isso e, ao mesmo tempo, eliminem a monarquia dos Saud e alcem as classes médias. É uma situação muito complexa, porque não falam em rever as alianças, ao mesmo tempo em que são tributários das alianças existentes.

El País - Entretanto, há muitas pessoas nas classes médias dos países árabes, no Magreb ou no Oriente Médio, que não têm nada a ver como o wahabismo⁽⁴⁾ que predica Osama Bin Laden, mas que é profundamente antiamericana. Isso se deve ao conflito israel-palestino?

Gilles Kepel - A lógica dos neoconservadores dos Estados Unidos, que se encontram próximos a Israel, é pensar que estamos no período que segue ao fracasso do processo de paz. Desde o princípio da segunda Intifada, o sentimento dominante é que Israel está em uma situação crítica, ainda que sua superioridade militar seja acaçapante. A idéia que há por detrás da intervenção é que um Iraque pró-americano, baseado nas classes médias e na riqueza do petróleo, criará um processo que permitirá aliviar a pressão que sofre Israel. A administração Bush crê que Clinton administrou o conflito israel-palestino de forma muito negativa, porque não via a perspectiva em seu conjunto. Surge a forma em que atuou Bush pai: em 1991, após a

³.- Referência ao primeiro ministro turco, Recep Tayyip Erdogan.

⁴.- O wahabismo é considerado um movimento puritano fundador da nação saudita e sua referência se associa a Mohamed bin Abd al-Wahab (1703-1792), reformador ultra-rigorista. Retoma a interpretação dos textos sagrados a partir de Ibn Hanbal (morto em 855), fundador da mais fundamentalista das quatro grandes escolas jurídicas sunitas, a que só admite duas fontes da lei - o Corão e a Suna (os dizeres do profeta).

derrota de Saddam Hussein, Shamir e Arafat foram obrigados a entrar em processo de negociação que se iniciou em Madrid. O sentimento do Pentágono é que, se acontece uma vitória rápida e espetacular, a moral dos árabes vai a zero. Como a primeira Intifada, a segunda tem prejudicado bastante Israel, mas também arruinado os palestinos, que agora estão esgotados e não têm condições de negociar nada. Quando Arafat lançou a segunda Intifada, estou seguro, acreditava que a pressão lhe ajudaria na negociação com Israel e, lhe permitiria demonstrar a sua população – que cada vez mais o via com desconfiança – que seguia encarnando a resistência. No princípio, a Intifada não era popular e estava muito organizada. O resultado foi, porém, que Sharon conseguiu tomar o poder e o primeiro ministro israelense tinha em mente a mesma lógica que Arafat. Os Estados Unidos estão convencidos que a solução para o conflito não pode acontecer no marco israel-palestino e que é necessário uma concertação global que passa pela eliminação de Saddam. Durante uma recente visita a um país da região, um professor me disse: 'Os Estados Unidos é bom estrategista, mas não conhece os detalhes'. A estratégia estadunidense tem grande coerência quando é apresentada, mas a sua aplicabilidade levanta inúmeros problemas. Em uma viagem aos Estados Unidos falei disso com vários falcões e me dei conta de que a equipe que está em torno de Bush não o transforma em um Bush II, mas sim em um Reagan II. Não possuem um conhecimento profundo da situação real do Oriente Médio. Não conhecem bem o que ocorreu nesta região nos últimos anos. As pessoas do Pentágono pensam no Oriente Médio, como no fim da URSS. É uma lógica estrategicamente sedutora, mas as duas 'sociedades' não têm nada que ver uma com a outra. A sociedade soviética e comunista estava esgotada e se identificava com o Ocidente. Acreditar, porém, que acontece exatamente o mesmo com as classes médias árabes é uma aposta muito arriscada.

O mundo muçulmano e o seu impasse

El País - Bernard Lewis fez o prólogo de um dos seus primeiros livros, *Faraón y profeta (Faraó e profeta)*. Concorda com a sua teoria que relata em *Qué há fallado? (O que falhou?)*⁽⁵⁾ sobre o momento no qual o mundo muçulmano ficou para trás em relação ao Ocidente?

Gilles Kepel – A força da sociedade muçulmana nasceu quando viveu uma hibridação cultural extraordinária. Falava-se a mesma língua desde a Espanha até a Índia e havia um espaço gigantesco de circulação cultural. Entretanto, quando o mundo muçulmano se fechou em si mesmo começou a perder sua criatividade científica e intelectual. Porém, não acredito que esta teoria não funcionava porque se inscreve em uma lógica similar a de Huntington e seu *Choque de Civilizações*⁽⁶⁾, que é uma teoria muito essencialista, porque crê que todo o mundo muçulmano é homogêneo, quando, na verdade, são sociedades muito heterogêneas. A personalidade de um jovem egípcio se forja nas mesquitas, mas também na MTV, na qual sua ambição é imigrar para Chicago. Acredito que mais do que se perguntar o que aconteceu de errado, o problema do mundo muçulmano é que não sabe como se integrar em uma modernidade da qual procura controlar os instrumentos.

⁵ .- No Brasil, essa obra de Bernard Lewis foi lançada com o título *O que deu errado no Oriente Médio?*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

⁶ .- Referência à obra de Samuel Huntington. No Brasil lançada pela Editora Objetiva.

FRASES DA SEMANA

O Império

"O império norte-americano não me entusiasma e, inclusive, vejo o velho império britânico com mais entusiasmo porque ele tinha consciência dos seus limites". – **Eric Hobsbawm** em entrevista publicada no jornal argentino **Clarín**, 15-3-03.

"A desumanização do mundo sob o império da superpotência ensandecida aparece também nas comemorações, em meio à guerra, pela alta da Bolsa de Nova York. Seria ingênua tolice esperar que o capitalismo e os capitalistas trocassem o lucro pelo luto, ainda mais se os mortos são "estrangeiros". Mas, pelo menos, em respeito aos mortos norte-americanos, poderiam evitar a cerimônia de encerramento do pregão em que um cidadão com sorriso apalermado bate o martelo" – **Clóvis Rossi**, jornalista, **Folha de S. Paulo**, 23-3-03.

"A enfermidade industrial dos grandes poderios militares é a megalomania. E não há dúvida que dizer: "Se as Nações Unidas não fazem o que nós queremos..." é uma visão megalômana, que implica haver somente uma forma de ver o mundo, isto é, desde o Texas". – **Eric Hobsbawm** em entrevista publicada no jornal argentino **Clarín**, 15-3-03.

O Papa e a guerra

"Quem decide que estão exauridos os meios pacíficos que o direito internacional coloca à disposição, assume uma grave responsabilidade diante de Deus, da sua consciência e da história". - **Joaquim Navarro-Valls**, porta-voz do Vaticano. Trata-se, segundo o vaticanista Luigi Accatoli, da declaração mais dura de condenação à guerra pronunciada pelo Vaticano até hoje – **Il Corriere della Sera**, 19-3-03.

No dólar os americanos confiam

"A teologia americana foi uma teologia secular. Ela se centrou no dinheiro e na liberdade, na promessa e no retorno, no lucro e no prejuízo. Ela se centrou, de fato, no milagre do dinheiro" - **Jason Goodwin**, inglês, no livro que acaba de lançar intitulado **Greenback, uma história do "todo-poderoso deus dólar" e de seu papel para a "invenção" dos Estados Unidos**.

Coca-Cola nunca mais!

"Como já passamos da idade de ir para a porta da embaixada americana queimar bandeiras, podemos nos revoltar tomando uma atitude que não vai resolver nada, mas que não deixa de ser uma atitude. Pode ser infantil, mas Coca-cola nunca mais" – **Danuza Leão, Folha de S. Paulo**, 23-3-03.

O Papa segundo Hobsbawm

"É interessante observar que a única personalidade pública de grande importância que se declarou persistentemente contra o capitalismo é o Papa que, diferentemente dos outros grandes estadistas, não é obrigado a explicar como enfrentá-lo". – **Eric Hobsbawm** em entrevista publicada no jornal argentino **Clarín**, 15-3-03.

Sociedade justa

"A idéia de uma sociedade justa não está morta, pelo contrário, me parece que está ressuscitando". – **Eric Hobsbawm** em entrevista publicada no jornal argentino **Clarín**, 15-3-03.

FILME DA SEMANA

AS HORAS

Nome original: *The Hours*

Origem: EUA

Realização: 2002

Gênero: Drama

Duração: 110 min

Direção: Stephen Daldry

O destaque da editoria *Filme da Semana* nesta edição é ***The Hours (As Horas)***. Reproduzimos o artigo de **Carla Rodriguez**, publicado no site <http://www.nominimo.com.>, dia 3 de março de 2003.

UM OLHAR SOBRE A BANALIDADE DA VIDA

Carla Rodriguez

“Ela escova os dentes, escova os cabelos e começa a descer. Pára vários degraus acima do fim da escada, escutando, esperando; está de novo possuída (parece estar piorando) por uma sensação meio onírica, como se estivesse nos bastidores, próxima da hora de entrar em cena e atuar numa peça para a qual não está adequadamente vestida e para a qual não ensaiou como devia. O quê, pergunta-se, estaria errado com ela. É seu marido que está na cozinha; e seu filhinho. (...) É quase perfeito, é quase suficiente, ser uma mãe jovem numa cozinha amarela, tocando o cabelo espesso, castanho; grávida de outra criança. Há sombras de folhas nas cortinas; há café fresco.”

Esta é Laura Brown, a personagem, no cinema interpretada por Julianne Moore, uma dona-de-casa na Los Angeles dos anos 50, leitora ávida desde a infância, que, neste momento, devora cada uma das páginas do romance “*Mrs. Dalloway*”, de Virginia Woolf. Apenas algumas linhas do livro são capazes de mostrar que a angústia de Laura não vem do casamento, do filho ou da vida que leva. Ao contrário, ela deseja ardenteamente que este pacote de perfeição a salve de tanto sofrimento, que não tem origem aparente.

Há densidade nas três personagens do livro de Michel Cunningham. No filme de Stephen Daldry, em que pese as nove indicações ao Oscar, inclusive de melhor filme, esta densidade é trocada por uma plasticidade que soa superficial demais. O que as vidas de Laura, em 1949, de Virginia, em 1923, e de Clarissa, em 2001, têm em comum não são os gestos banais e cotidianos – a presença na cozinha, a compra das flores, as rosas amarelas. Tudo isso faz muito efeito no cinema, mas não serve como elo de ligação entre as três histórias. A falta desta costura faz com que o filme pareça apenas um jogo de adivinhação, um quebra-cabeças gratuito.

É nos sentimentos de inadequação, no questionamento do sentido da vida que levam, e na perspectiva sempre presente do suicídio que está a ligação entre as mulheres de Cunningham. O lado insuportável da vida que elas levam, em cenários diferentes, em situações sociais distintas, em condições tão dispare, fazem de Virgínia, Laura e Clarissa mulheres que sofrem não por coisas banais – elas são angustiadas pelo sentido da própria existência. Constatam esta dor nos gestos e atos cotidianos, na banalidade da vida.

É na cozinha, por exemplo, que as três mulheres, cada uma a seu modo, se deparam com as pequenas tragédias. Laura quase sucumbe ao fracasso do bolo de aniversário que faz para o marido. E Virginia simplesmente não consegue dar ordens aos empregados. Narra Cunningham: “Se Virginia tivesse agido como devia e passado na cozinha pela manhã, para decidir o almoço, a sobremesa poderia ter sido praticamente qualquer coisa. (...) Virginia poderia ter facilmente entrado na cozinha às oito e dito: ‘Não vamos nos preocupar muito com a sobremesa, hoje. Bastam umas pêras.’ Mas, em vez disso, escapara sorrateira direto para o seu gabinete, receosa de que seu dia de trabalho (aquele frágil impulso, aquele ovo equilibrado numa colher) pudesse se dissolver diante dos humores de Nelly.”

Símbolo de exigência da perfeição feminina, a cozinha é um elemento de tortura para as três personagens de Cunningham. Na tela, a impressão que passa é que a cozinha é origem da angústia, como se as mulheres pudessem pensar em cometer suicídio apenas porque um bolo não ficou tão bom quanto esperavam. A cozinha é apenas mais um território desta batalha, mais um palco onde representar é extremamente penoso. E todas as personagens têm exacerbada consciência de que estão desempenhando um papel para o qual se sentem inadequadas.

O homossexualismo das três mulheres é apenas um elemento desta inadequação. No livro, aparece de forma sutil. No filme, ganha contornos exagerados e ênfase indevida. Para o leitor, Michel tece com maestria os fios que ligam Clarissa e sua festa, em 2001, à personagem de Woolf. Para o espectador, estas referências se perdem, e a Clarissa de Meryl Streep é, das três, a personagem de menor densidade. É ela, no entanto, que repete cada passo e gesto de Clarissa Dalloway, a personagem de Virginia, a mulher consciente do seu ridículo, esnobe e superficial.

Michel Cunningham, que ganhou o prêmio Pulitzer pelo seu **As horas**, escolheu escrever sobre Virginia por admirar, na escritora inglesa, seu talento em discorrer sobre o que há de extraordinário em pessoas absolutamente comuns. **As horas**, o filme, com belíssima trilha sonora de Phillip Glass, impecável fotografia e roteiro por demais superficial, não consegue mostrar ao espectador o que, afinal, há por trás da banalidade da vida de cada uma daquelas três mulheres.

Pena, por que o precioso tesouro contido no livro é justamente a capacidade do autor de conferir a Virginia, Laura e Clarissa a profundidade dos seres humanos que, se não vencem, pelo menos têm a coragem de olhar de frente para a banalidade da própria vida.

MEMÓRIA

GERD BORNHEIM

A editoria Memória traz essa semana o nome de Gerd Bornheim, renomado filósofo gaúcho, falecido em 2002.. Assim, queremos reparar o erro de não termos feito isto anteriormente. Esperamos voltar a refletir sobre a importância da sua obra.

Gerd Bornheim nasceu em 1929, em Caxias do Sul (RS). Graduou-se em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde obteve também o título de livre-docente em Filosofia. Professor cassado em

1969, fixou-se no Rio de Janeiro depois de temporada na Europa. Foi professor titular aposentado na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Como principais obras de Bornheim, podemos citar **Os filósofos pré-socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1985; **O sentido e a máscara**. São Paulo: Perspectiva; **Sartre: metafísica e existencialismo**. São Paulo: Perspectiva; **Metafísica e finitude**. São Paulo: Perspectiva, reedição no prelo; **Dialética, teoria praxis: ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da dialética**. Porto Alegre: Globo; **O idiota e o espírito objetivo**. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo/Uapê, 1998; **Teatro: a cena dividida**. Porto Alegre: L&PM; **Brecht: a estética do teatro**. Rio de Janeiro: Graal; **Páginas de filosofia da arte**. Rio de Janeiro: Uapê, 1998, **Heidegger – L'Être et le Temps**. Paris: Hatier, 1976; **O conceito de descobrimento**. Rio de Janeiro: Eduerj. Também citamos **Aspectos Filosóficos do Romantismo**. IEL, 1959 (este livro teria nova versão com o título “**Filosofia do Romantismo**”, in Romantismo – Perspectiva, 1978) e **Motivação Básica e Atitude Originante do Filosofar**. 1961, Tese para livre-docência (mestrado). Nova versão com título **Introdução ao Filosofar**. Porto Alegre: Globo, 1970.

Reproduzimos a seguir o artigo de Luiz Carlos Maciel publicado na *Gazeta Mercantil*, 28 de fevereiro, 1º e 2 de março de 2003, sob o título abaixo.

A AFIRMAÇÃO DO EFÊMERO

“Quando entrei para a Faculdade de Filosofia, em Porto Alegre, pareciam um tanto velhos: Anibal di Primio Paz, que já era sessentão; Armando Câmara, que era mais velho ainda; o próprio Ernani Maria Fiori, já quarentão. Mas havia também, então começando a carreira acadêmica, um jovem de 27 anos, Gerd A. Bornheim. Ele se tornaria uma das personalidades mais importantes da Filosofia Brasileira de todos os tempos, como autor e como professor. Fiquei chocado com a indiferença da mídia em geral, diante da morte dele, há poucos meses. Ainda praticamente um adolescente, eu não perdia sua aula. Parecia mais lúcido, mais sincero e, portanto, mais confiável do que os outros professores. Gerd significava a modernização do nosso curso. Acabara de voltar de estudos em Friburgo, Alemanha, onde tivera meses de fenomenologia husseriana, como Max Muller e assistira conferências de Heidegger. Estava a par, em primeira mão, do que havia de mais avançado na Filosofia Ocidental. E o que mais quer um adolescente é estar atualizado. Gerd nos colocava no topo do mundo da Filosofia. Naturalmente, embora brasileiro, a formação de Gerd foi a de um filósofo alemão. Nascido em Caxias do Sul, de pais alemães, em 1929, o tedesco foi sua outra língua-mãe, além do português. Sou testemunha de que só falava alemão na casa dele, porque fiquei hospedado lá alguns dias, quando nosso grupo de Porto Alegre, o Teatro Universitário, apresentou *Esperando Godot* em Caxias do Sul. Pai, mãe, irmãs de Gerd, entre eles, só falavam em alemão.

Não era de surpreender que seu primeiro livro tratasse fundamentalmente da tradição filosófica da Alemanha. O título era **Aspectos Filosóficos do Romantismo**, que saiu em 1959, mas esse trabalho teria, quase vinte anos mais tarde, uma nova edição, modificada, sob o título de **Filosofia do Romantismo**. Gerd analisa o *Sturm und Drang*, Herder, Fichte, os irmãos Schelelel, Schleiermacher, Schelling, Boehme e Novalis. E se coloca, como pensador, na tradição clássica da Filosofia Alemã. Acho muito aguda sua observação final de que todo romantismo “tende a resolver-se em termos de religião” e de que, portanto, o “romântico coerente deveria tornar-se um visionário, bastante próximo do misticismo de tipo oriental”. A experiência de uma geração posterior a dele, vários anos depois, haveria de confirmar essa percepção.

Mas a Filosofia Alemã avança além do romantismo. A formação de Gerd no pensamento dos seus clássicos, de Kant e de Hegel, era sólida. Contudo, era Husserl, como o seu momento

mais recente, mais influente. Assim, a partir da fenomenologia, a atenção de Gerd dirigiu-se particularmente a Heidegger. Em pouco tempo, a análise existencial de *Ser e Tempo* levaria nosso jovem filósofo diretamente ao *O Ser e o Nada*, de Sartre. E assim um pensador francês haveria de tornar-se uma referência permanente de seu trabalho. Por outro lado, porém, Gerd estava igualmente interessado no chamado “segundo” Heidegger que denunciava o fim da Metafísica e anunciaria o nascimento de um novo pensamento ontológico, com referências a Anaximandro, Permênides e Heráclito. Não é por acaso que em 1967, Gerd publica sua tradução dos fragmentos dos pré-socráticos.

Em 1961, Gerd publicou a tese que apresentou no concurso para livre-docência de Filosofia na Faculdade da UFRGS, com o título *Motivação Básica e Atitude Originante do Filosofar*, texto que também teria uma nova edição, em 1970, sob o título *Introdução ao Filosofar*. A Filosofia é apresentada como uma superação do que ele chama de a “experiência negativa”. Sua fonte é a admiração, examinada, na tese, na perspectiva ontológica de Heidegger. O homem não é a medida do homem; antes “o ser é a medida do homem e do filosofar”, assegura Gerd.

A experiência negativa, porém, é um momento necessário, uma ascese. O existencialismo se desdobra sob o signo do niilismo subjetivista que faz do homem a medida de todas as coisas, até mesmo de Deus que se revela mortal e finito. A presença da morte é soberana no existencialismo. “Os homens morrem e não são felizes”; “todos os seres humanos são mortais”; “depois da minha morte, o mundo continuará cheio, como um ovo”; “com a morte na alma”; etc. – tais frases e expressões sobre a morte são demasiado freqüentes na literatura existencialista. Elas expressam a urgência da experiência negativa, necessária para dissipar as ilusões da admiração ingênua. A questão fundamental, em linguagem mais filosófica, é a finitude da existência.

A primeira ambição filosófica de Gerd foi a de formular uma “metafísica da finitude”. Seu movimento é no sentido de uma afirmação do efêmero. Mas, no seu livro sobre Sartre, Gerd o surpreende preso ao impasse da crise da metafísica que Heidegger pretende superar no novo pensamento ontológico. É possível uma ontologia da finitude que não seja uma ontologia do nada?

Em *O Idiota e o Espírito Objetivo*, ensaio que completa, em 1980, de maneira brilhante, o livro sobre Sartre, Gerd afirma que o livro deste sobre Flaubert, *O Idiota da Família*, nos situa “no âmago do finito por excelência, no indivíduo irrepetível, único, datado”, o que, do ponto de vista da História da Filosofia, é um desfecho que está “anti-hegelianamente na descoberta da finitude, na reconciliação com ela”.

Em *Dialética, Teoria e Praxis*, Gerd faz um confronto entre Hegel, Marx e Heidegger para determinar o lugar da dialética no novo pensamento. Seu objetivo é levar a dialética a abandonar seus pressupostos metafísicos numa abertura para a finitude considerada como processo. “Este livro pretende mostrar que, justamente com a crise da Metafísica, a dialética chega a ser aquilo que ela realmente é”, escreve nosso autor. A aproximação das maneiras de ver de Marx e Heidegger, em relação à de Hegel, é um movimento filosófico audacioso e sofisticado.

Esse interesse pela dialética deve ser visto no seu devido contexto histórico. Não se pode negar que o universo político que se vivia, no Brasil, nos anos sessenta, teve seus efeitos no pensamento do até então fenomenólogo Gerd Bornheim. O trabalho dos ideólogos reunidos no ISEB, para a criação de uma Filosofia Brasileira, repercutiu em nossos filósofos, mesmo nos que não passaram recibo. Gerd abriu o jogo. No ensaio intitulado *Filosofia e Realidade Nacional*, ele parte do axioma de que uma filosofia nacional é uma contradição e termina por resolver o problema insinuado em seu título através da particularidade, categoria cuja criação deve-se ao marxista Georg Lukacs, que a usa para definir a obra de arte. Nas palavras de Gerd, “através do singular, o universal alcança configurar um particular determinado, concreto; e pelo universal, o singular abandona o seu confinamento para instituir um particular no qual se

pode ler também o universal". O particular é a síntese, a totalização dialética, da contradição entre o universal e o singular, ou entre a cultura e a realidade nacional.

Depois da Filosofia, o que Gerd mais gostava era o Teatro. Quando era seu aluno, precisava de um local de ensaios para o espetáculo de *Esperando Godot*, de Beckett, que eu dirigia. Gerd emprestou logo o apartamento dele. Quando o Teatro Universal foi a um festival, no Recife, apresentando a peça *A Cantora Careca*, de Ionesco, Abujamra, que era o diretor, convidou Gerd para fazer o papel de bombeiro, e ele aceitou; o filósofo tinha apreciável domínio de cena. E quando a UFRGS começou um Curso de Arte Dramática, Gerd foi um dos primeiros professores contratados. Hoje, no Brasil, qualquer discussão sobre teoria do teatro (e também outras questões estéticas) passam obrigatoriamente pelos escritos de Gerd.

A "experiência negativa" também se manifestava no teatro de avant-garde, descrito como um Teatro do Absurdo. As suas conexões com o "homem absurdo" de Camus, com a experiência da "náusea", de Sartre, e com o existencialismo em geral eram conceitualmente bastante evidentes. Entretanto, havia um tipo de vanguarda que parecia acenar para consequências sociais, históricas e mesmo estéticas mais decisivas – o teatro dialético de Bertolt Brecht. Assim como fizera em relação a Sartre e à Filosofia, Gerd dedicava especial atenção a Brecht e seu impacto no teatro do século vinte.

Gerd não considerava os desenvolvimentos filosóficos do Ocidente, no ocaso do século XX – estruturalismo, Derrida, Deleuze, os novos nietzscheanos, etc. – tão importantes quanto os temas e os filósofos que mais ocuparam sua reflexão, em praticamente cinqüenta anos de atividade filosófica. O novo, em Filosofia, não era necessariamente o melhor ou o mais luminoso. Entretanto, em matéria de estética, Gerd tendia abertamente para a valorização do novo. Pode-se dizer que foi um esteta da vanguarda, posição que não só assumiu abertamente como tentou fundamentar em seus livros, especialmente as *Páginas de Filosofia da Arte*, de 1998. Para ele, a arte não pode parar. Seu ataque aos cânones é feroz. Para ele, o novo não só é necessário como, de certo modo, "inventa o humano", pois "por sua própria essência, o homem é criador" e é necessário, portanto, "um sentido que faz de cada nova obra de arte uma surpresa rebelde ao constrangimento de qualquer lei superior".

Eu passava anos sem ver o Gerd. Continuei sendo sempre um grande admirador dele, como pensador e como gente. Mas tomamos rumos muito diferentes. Éramos muito diferentes. Tenho certeza, por exemplo, que ele não pode ter visto com bons olhos meu envolvimento com a contracultura. Certa vez, enquanto tomávamos um chope numa churrascaria, arrasou um texto meu, sem piedade nenhuma. Apesar de sensível à mudança dos tempos, ele permanecia um filósofo clássico, acadêmico, essencial. Não esquecia jamais a Filosofia mesmo nos momentos de humor e descontração. A Filosofia era sua vida; era – para ele – a própria vida em sua expressão mais espiritual.

Um dia, fiquei surpreso ao ver seu nome junto com o meu folheto que anunciaava um evento alternativo no Hotel Glória. Era uma feira daquelas que vinham dos hippies para a Nova Era, cheia de barracas com todas as mágicas conhecidas – astrologia, tarot, I Ching, etc. Eu ia falar sobre Carlos Castañeda e Gerd, sobre ecologia.

Nós nos encontramos nos corredores do hotel. Caminhamos entre as tendas de consultas divinatórias de todo tipo, de vendas de cristais, pêndulos, acessórios psicotrônicos e outros objetos mágicos, de ofertas de massagens védicas ou Shiatsu, e assim por diante. Gerd estava espantado, perplexo, era como se estivesse em Marte. Nunca tinha visto aquilo e me perguntou do que, afinal de contas, se tratava, que diabos de evento era aquele. Tentei explicar como pude a cultura alternativa e ele ficou ali, rindo, sem entender muito bem. Perguntei como, se tudo aquilo lhe era tão estranho, ele tinha ido parar lá. Muito simples, ele disse: telefonaram, convidaram para ele dar uma palestra sobre ecologia e ele aceitou. Então acrescentou:

- Mas eu não sabia que era numa reunião de malucos!"

EVENTOS IHU

TV GLOBO NO IHU IDÉIAS

O tema do *IHU Idéias* realizado na última quinta-feira, dia 20 de março, foi ***O Programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo***. A apresentação foi da jornalista Sonia Montaño, do Setor de Comunicação do Instituto Humanitas Unisinos.

Sonia introduziu a temática com uma retrospectiva histórica sobre a importância da televisão na sociedade brasileira. Em seguida, abordou o programa *Linha Direta*, da Rede Globo de Televisão, com a exibição de trechos do programa em vídeo. A exposição foi baseada no seu trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, concluído na Unisinos no final do ano passado. O título do trabalho é ***A construção da telerrealidade: o caso Linha Direta***.

Ao final da explanação, os participantes manifestaram muito interesse a respeito do tema. Eles solicitaram à coordenação do IHU que o tema volte à programação do *IHU Idéias* em próximas edições.

ECOS DO EVENTO

"É a primeira vez que venho ao *IHU Idéias*. Achei muito interessante essa interação de vários cursos da Universidade debatendo o mesmo assunto. A temática de hoje foi excelente. É uma pena que não se dispõe de mais tempo para o debate".

Fernandes Vieira dos Santos, aluno do curso de Filosofia da Unisinos.

"Foi ótimo! Esse tema precisa ser trazido novamente à tona nesse espaço. Precisamos discutir a televisão fora da mesmice, já que há anos se fala e se faz sempre a mesma coisa. O ser humano é mais do que isso. Foi ele quem fez a televisão".

Ronaldo Peres Gomes, aluno do curso de Jornalismo da Unisinos.

Lembramos que o evento acontece nas quintas-feiras das 17h30min às 19h, na sala 1C103. No final do evento, como já é tradição, é servido café, água e suco de laranja.

ERNANI FIORI É TEMA DO PRÓXIMO IHU IDÉIAS

No dia 27 de março, próxima quinta-feira, o professor Dr. Luiz Gilberto Kornbauer exporá o tema ***Ernani Maria Fiori: a educação popular a partir de um filósofo gaúcho***. O prof. Kornbauer é doutor em Educação, pela UFRGS com tese intitulada: ***A Idéia de Pessoa na Filosofia de E. M. Fiori e suas Implicações para a Educação***, sob a orientação do Prof. Dr Balduíno Andreola.

Abrimos, assim, uma nova série de debates, no ***IHU Idéias***, sobre pensadores e pensadoras gaúchas. No mesmo sentido, dedicamos a editoria Memória a Gerd Bornheim.

Sobre Ernani Maria Fiori, eis um depoimento de Gerd Bornheim, dado na entrevista publicada no livro NOBRE, Marcos; REGO, José Marcio. **Conversas com Filósofos Brasileiros**. 1.ed. São Paulo: 34, 2000, p. 46-47.

“Como o senhor avalia a figura de Ernani Fiori no Rio Grande do Sul?

Ele era um catedrático. Tive dois professores catedráticos: Fiori e Armando Câmara, que não é conhecido no Rio de Janeiro. Foi Câmara quem me convidou para dar aula. Era um homem venerando, uma belíssima figura e um grande orador. No entanto, eu preferia o Fiori, que tinha mais método de trabalho, e passei para a sua cadeira. Daí começaram as brigas filosóficas, porque Fiori era tomista. Para amenizar, de certa maneira, o seu tomismo, começou a estudar Lavelle, um pensador católico muito estranho. Certa vez, eu lhe disse: "Desculpa, Fiori, mas em Paris Lavelle não existe". Fiori subiu pelas paredes quando percebeu que eu estava me tornando heideggeriano, com os temas da angústia e da náusea. E assim eu fui também me afastando dele. Acabamos brigando feio, e respondi às suas provocações fazendo a livre-docência. Mas Fiori era um homem de respeito e tinha um excelente nível.

Na época, as coisas eram muito provincianas, a universidade era muito provinciana, e eu consegui romper com tudo isso. Tinha de se fazer muita política. Quando fui chefe de departamento, eu tinha três assistentes: um bispo e dois padres. Eram amigos meus, mas tinha de fazer esse tipo de jogo político. Quando perdi o meu lugar no departamento, lecionei Literatura Alemã por dois anos, e, quando voltei para a filosofia como livre-docente, aproveitei para dar cursos mais livres, que eram muito mais interessantes para mim. E foram um sucesso fantástico: eram "multidões" que vinham me ouvir".

IHU IDÉIAS DE ABRIL DE 2003:

03/04/03 - Apresentação do tema: "Sport Clube Internacional: a construção de uma Identidade". Profa. Dra. Berenice Corsetti, vice-diretora do Centro de Ciências Humanas.

10/04/03 - Apresentação do tema: "O ruído de guerra e o silêncio de Deus". Prof. Dr. Manfred Zeuch, professor da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA e professor visitante da Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia - CEC.

IHU REPÓRTER

IHU Repórter traça o perfil de:

VICENTE DE PAULO OLIVEIRA SANT'ANNA

Vicente de Paulo Oliveira Sant'Anna é Pró-Reitor Comunitário e de Extensão desde 1994. Natural de Caxias do Sul, o professor é o mais novo de quatro irmãos. Filho de engenheiro civil e mãe dona de casa, guarda vivas lembranças da família, do futebol e dos matinês aos domingos. Casado com Maria Luiza, arquiteta, desde 1971, o casal tem uma filha, Márcia, 25, médica que está se especializando em psiquiatria.

Formação- Nasci em Caxias do Sul e morei lá até os 18 anos. Fui para



Porto Alegre e cursei Engenharia Mecânica, na UFRGS, onde me formei em 1969. Depois fiz mestrado em Engenharia, na área de concentração em Metalurgia de Transformação. Comecei a lecionar na Unisinos, em 1971, a convite de um professor meu da UFRGS, que era Diretor da Faculdade de Engenharia de Operação na Unisinos. Em 1972, comecei a lecionar também na Escola de Engenharia da UFRGS.

Trajetória- Fui chefe do Departamento de Materiais e Processos, no Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos. Fui também coordenador do curso de Engenharia Mecânica, diretor do centro e coordenador do Núcleo de Pesquisa e Apoio à Indústria (NAI). Desde 1994, sou Pró-Reitor Comunitário e de Extensão.

Pró- Reitor Comunitário e de Extensão- Considero-me um dos inúmeros colaboradores que construiu essa obra. A construção desta Universidade é obra de muitos cérebros e muitas mãos.

Família- Sem ela, não estaria onde estou.

Autor- Luís Fernando Veríssimo e Mário Quintana.

Livro- O Segredo de Luísa, de Fernando Dolabela.

Filme- Uma Mente brilhante, de Ron Howard.

Presente- A relação das pessoas se faz no dia-a-dia. O presente para mim está nessa relação. Qualquer coisa vale o que está por trás. É uma materialização do afeto.

Sonho- No campo profissional: ver o reconhecimento nacional e internacional da Unisinos. No campo particular: ver minha filha totalmente realizada, pessoal e profissionalmente.

Unisinos- Minha vida se mistura com a Unisinos. Sinto-me bastante realizado construindo minha vida aqui.

IHU- Fiquei muito gratificado pela criação do IHU, porque estava faltando um elemento importante como esse para o desenvolvimento do humanismo cristão dentro da Universidade.

AVISOS DA COORDENAÇÃO

Ética, religião e sociedade sustentável

De 14 a 16 de março, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, assessorou a primeira etapa do Ciclo de Estudos *Ética, religião e sociedade sustentável*, cujo tema foi *As grandes rupturas da crise civilizacional contemporânea*. O Ciclo de Estudos é uma promoção do IHU juntamente com o Centro de Ciências Humanas da Unisinos e o Centro de Espiritualidade Cristo Rei – Cecrei, São Leopoldo.

Centro de Ciências Jurídicas e o IHU

No dia 18 de março, a coordenação do IHU esteve reunida com o professor Vladimir Barreto Lisboa, responsável pela extensão do Centro de Ciências Jurídicas da Unisinos. Na reunião, foi iniciado um processo de maior parceria entre o IHU e o Centro de Ciências Jurídicas.

Humanitas Arte

Na tarde do dia 19 de março, a coordenação do IHU reuniu-se com a profª. Drª. Márcia Tiburi, professora do PPG em Filosofia da Unisinos. A pauta do encontro foi o projeto *Humanitas Arte*, que consiste em organizar exposições artísticas semestrais no saguão da Biblioteca da Universidade. O lançamento será no próximo dia 21 de maio, durante o *Simpósio Internacional Água: Bem Público Universal*. Quem estará expondo na ocasião, será a artista plástica Maria Tomaselli. A segunda edição do *Humanitas Arte* de 2003 será dia 13 de outubro, com a exposição de Paulo César da Silva Chimendes, mais conhecido como Paulinho Chimendes.

Encontro Imprensa

No dia 18 de março, a coordenação do IHU juntamente com o setor de comunicação reuniu-se com o serviço de imprensa da Unisinos. Na reunião, foi feita uma apresentação do plano de atividades do IHU para o ano de 2003. Estiveram presentes o operador de câmera Antônio Rodrigues, a repórter Cássia de Bona e a coordenadora de programação Analice Bolzan, da TV Unisinos, Elisa Thomas e Madalena Vargas, da Rádio Unisinos, Jane Gehlen, Relações Públicas da Prodesen, Deivison Cesar de Campos, jornalista da Prodesen, e a profª. Drª. Hiliana Reis, coordenadora do programa de pesquisa do Centro de Ciências da Comunicação.

Ética e Sociedade de Consumo

No dia 19 de março, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, assessorou o encontro de lideranças comunitárias do município de Lajeado, reunidas no Unishoping, para refletir o tema: **Ética e Sociedade de Consumo. Promoção da Vida e Solidariedade**.

9ª Romaria do Trabalhador e da Trabalhadora

No dia 22 de março, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, assessorou o encontro de lideranças da diocese de Caxias do Sul, reunidas em Caxias do Sul, RS, tendo como tema a Grande Transformação do Mundo do Trabalho em preparação da 9ª Romaria do Trabalhador e da Trabalhadora a ser realizada em Passo Fundo, no dia 1º de maio de 2003. O encontro também já visou a preparação da 10ª Romaria a ser realizada em 2005, em Caxias do Sul.

D. Paulo Moretto

Na última edição do **IHU On-Line** notificamos a visita de D. Paulo Moretto ao IHU. Queremos registrar publicamente a nossa solidariedade com ele neste momento de dor e sofrimento e com toda a diocese de Caxias do Sul rezamos e torcemos por sua pronta recuperação.

INTERATIVO

CARTAS DO LEITOR

Prezados pesquisadores em Comunicação:

A Eptic On Line - Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación está recebendo contribuições (artigos, resenhas, relatos de pesquisa, ensaios) para seu próximo número até o dia 15 de abril. Os textos (assim como eventuais dúvidas) podem ser enviados diretamente para o meu e-mail, val.bri@terra.com.br, e podem ser redigidos em português, espanhol, francês ou inglês. A revista pode ser visitada no site www.eptic.com.br

*À disposição.
Valério Brittos.
Editor Eptic On Line.*

Prezados,

Sou muito agradecido pelas informações/matérias veiculadas no IHU On-Line. Elas respeitam a pluralidade de idéias, ao mesmo tempo que buscam seriedade no tratamento dos temas.

*Saudações,
Inácio Helfer
Professor e membro da comissão coordenadora do
PPG em Filosofia da Unisinos*

Com muita alegria recebi o boletim com as notícias da Unisinos.
Obrigado. Com os cumprimentos e com um grande abraço,

*Michael J. Schultheis,
President Catholic University College of Ghana*

Agradecemos também as mensagens telefônicas de Brasília, DF e Feira de Santana, BA, apoiando e agradecendo o boletim **IHU On-Line**.

SALA DE LEITURA



"Meu comentário é sobre um livro muito interessante e bem apropriado para o momento de guerra que estamos vivendo. O título é **Fundamentalismo, a Globalização e o Futuro da Humanidade**, do teólogo Leonardo Boff. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, 91 páginas. A leitura é bem apropriada para entendermos a demência humana nos atentados terroristas nos EUA, no dia 11 de setembro de 2001. Este fato, no entender de Leonardo Boff, além da demência humana, revela a nossa capacidade em buscar a justiça, em construir a paz e renunciar a vingança. O livro reforça a chamada de capa e o tema central do *IHU On-Line* nº 51, de 17 de março, sobre a PAZ. Ele ajuda a entender este momento de pré-guerra em que vivemos, quando Boff afirma: 'Não é o terrorismo que vence o terrorismo, nem o ódio que vence o ódio. É o amor que vence o ódio. É o diálogo incansável, a negociação aberta e o acordo justo que tiram as bases de qualquer terrorismo e fundam a paz'. Além de ampliar a compreensão do Fundamentalismo e a sua forma de ver o mundo, Leonardo Boff relaciona a globalização com os conflitos no mundo inteiro e alerta: 'Desta vez não haverá uma arca de Noé que salve alguns e deixe perecer os demais. Temos que nos salvar todos, a comunidade de vida de humanos e não-humanos'. Ele aponta também algumas alternativas para construirmos a paz duradoura: 'Abolir a palavra inimigo. É o medo que cria o inimigo. (...) Afastamos o medo e o inimigo, quando começamos a dialogar e no diálogo, a nos conhecer e no conhecimento, a nos aceitar e na aceitação, a nos respeitar e no respeito, a nos amar e no amor, a nos cuidar'.

Prof. MS Laurício Neumann, professor do Centro de Ciências Humanas e coordenador da Área de Concentração Ética, Cultura e Cidadania, do IHU.



"Diante da necessidade de atualização constante e de nosso trabalho na captação de recursos aqui na Agência de Integração e Desenvolvimento, li recentemente um livro técnico de muito auxílio. O título é **Manual de Fundos Públicos**. Foi escrito pela Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais (Abong), como um dos desdobramentos do Processo de Articulação e Diálogo (PAD), que reúne agências ecumênicas européias e seus parceiros no Brasil. Foi publicado pela Editora Fundação Peirópolis, em 2002, e tem 200 páginas. **Manual de Fundos Públicos** descreve os recursos públicos disponíveis para os projetos de instituições sociais. Funciona também como forma de monitorar os recursos públicos e garantir a transparência ao controle social dos recursos. Escolhi a leitura pela necessidade de montar uma cultura de captação de recursos permanente para a Unisinos. A Agência se concentra para essa captação, e o livro facilita e orienta nosso trabalho".

Profa. Dra. Paraskevi Bessa Rodrigues, coordenadora da Agência de Integração e Desenvolvimento da Unisinos.

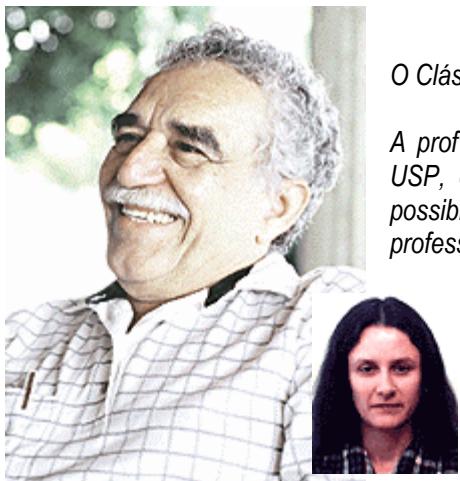


"Estou relendo **Verdad Y Método**, de Hans-Georg Gadamer, Ediciones Sigueme, 697 p., editada em Salamanca/Espanha. (GADAMER, Hans-Georg, Verdade e Método - Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 2002, 736 páginas). O autor é um dos mais importantes representantes da hermenêutica filosófica e fez da compreensão o objeto de sua reflexão, mostrando, ao longo de sua obra, o quanto de acontecimento se dá em toda compreensão. O significativo de sua obra é analisar como ele desenvolve sua

teoria: parte da pergunta pela correta epistemologia das ciências do espírito; entra nos âmbitos das diversas manifestações de arte; utiliza o conceito de jogo como fio condutor da explicação ontológica; atravessa o âmbito da história, reabilitando a força da tradição; desenvolve sua concepção do círculo da compreensão e da hermenêutica enquanto experiência; dedica todo um capítulo para a linguagem como meio universal de entendimento através de sua máxima: 'ser que pode ser compreendido é linguagem'. A leitura da obra permite um outro olhar sobre o processo de 'compreensão', a partir dos aportes da hermenêutica filosófica".

Haide Maria Hupffer, diretora de Extensão da Pró-Reitoria Comunitária e de Extensão - Proex, da Unisinos.

MEU CLÁSSICO



O Clássico da Profª Drª Denise Cogo é Gabriel García Márquez

A profª Drª Denise Cogo é doutora em Ciências da Comunicação pela USP, com tese intitulada: *Multiculturalismo, comunicação e educação: possibilidades da comunicação intercultural em espaços educativos e professora do PPG de Comunicação da Unisinos.*

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Nascido em 1928, na Colômbia, Gabriel García Márquez é uma figura central do realismo mágico, um dos movimentos-chave da Literatura e da cultura latino-americana. Prêmio Nobel de Literatura de 1982.

"Citaria *Cem anos de Solidão*; O amor nos tempos de Cólera e *Outono do Patriarca*. Especialmente o primeiro que aborda a questão do realismo mágico, o exótico na América Latina. Ele resgata os aspectos mais cotidianos da cultura latino-americana com originalidade e bastante provocação".

Cem anos de Solidão

A história é a de uma família - a família Buendía - e do seu percurso ao longo de um século, no isolamento de uma aldeia no meio da selva - Macondo - fundada pelo primeiro Buendía. É uma fábula sobre o isolamento e também sobre um mundo em mudança e sobre a dificuldade que temos em aceitá-lo. *Cem anos de solidão* é também uma fábula sobre o absurdo da guerra. Num momento crucial do livro, o Coronel Aureliano Buendía apercebe-se que os seus correligionários deixaram de lutar pelos ideais e passaram a lutar apenas pelo poder e decide acabar a guerra, para rapidamente se aperceber que é muito mais fácil começar uma guerra do que acabá-la. Outro aspecto importante do livro é a inefabilidade das coisas simples, e a trajetória "circular" do destino, que se percebe na família Buendía, em que um parente repete a trajetória do outro (com interessantes alterações), sem que necessariamente o tivesse conhecido.

"O livro aborda questões de poder, de política, do imaginário religioso, todos temas com os quais eu me deparo muito na pesquisa. Comecei a lê-lo na minha adolescência e me senti uma latino-americana, com minhas especificidades, claro".

Garcia Márquez e Denise Cogo

A vida acadêmica me fez viajar bastante e, ao visitar países latino-americanos, reconheço as descrições do autor. Seu estilo me ensina a conviver e reconhecer as diversas culturas. Também me identifico com ele, porque me inspira a ruptura com um modo de conhecimento erudito, tirando as questões rígidas próprias da academia e herdadas da Europa.

A partir dele, abri-me a outros autores ligados à comunicação popular alternativa e à realidade latino-americana, como Jesús Martín Barbero e Nestor Canclini.

Como pesquisadora, identifico-me muito com o olhar comprehensivo de García Márquez. Ele me levou para Isabel Allende, uma escritora da qual também gosto muito. Ambos têm um estilo de ficção e realidade para falar do Continente.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é o boletim semanal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com uma versão eletrônica enviada por e-mail nas segundas-feiras, ao meio-dia, e uma versão impressa que é distribuída, no final da tarde de segunda-feira, internamente na Universidade.

Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling. **Coordenadora adjunta:** Profª Ms. Vera Regina Schmitz. **Redação:** Inácio Neutzling, Sonia Montaño e Graziela Wolfart. **Revisão:** Mardilê Friedrich Fabre. **Fone:** 5903333 ramal 1173 ou 1195. **E-mail:** ihuinfo@poa.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS